



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

BELÉM-PA | ANO 5 | N.8 | JAN-JUN 2018



Universidade do Estado do Pará

Reitor

Rubens Cardoso da Silva

Vice-Reitor

Clay Anderson Nunes Chagas

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP)

Renato da Costa Teixeira

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)

Ana da Conceição Oliveira

Pró-Reitora de Extensão (PROEX)

Alba Lúcia Ribeiro Raithy Pereira

Pró-Reitor de Gestão e Planejamento (PROGESP)

Carlos José Capela Bispo

Diretor do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE)

Anderson Madson Oliveira Maia

Líderes do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA)

Josebel Akel Fares

Nazaré Cristina Carvalho

Coordenador da Editora da UEPA (EDUEPA) Nilson Bezerra Neto

Suporte Técnico e Formatação

Jean Favacho de Sousa

Conselho Editorial

Josebel Akel Fares (editora-chefe)

Marco Antônio da Costa Camelo

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

Nazaré Cristina Carvalho

Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos

Maria Roseli Sousa Santos

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jamile Freitas Machado

Foto de Capa

Nazaré Cristina Carvalho

Equipe de revisão (Português, Inglês, Francês e Espanhol)

Jessiléia Guimarães Eiró (coordenadora da equipe)

André Monteiro Diniz

Delcia Pereira Pombo

Lívia Braga Negrão

Welligston Valente dos Reis Lívia

Secretaria

Dia Ermínia da Paixão Favacho

Comitê Científico

Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva, UEA, BR

Profª. Drª. Ana Suely Arruda Câmara Cabral, UNB, BR

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza, UFCG, BR

Profª. Drª. Christiane Stallaert, Universidade de Antuérpia, Universidade de Leuven, BE

Prof. Dr. Emani Chaves, UFPA, BR

Prof. Dr. Frederico Garcia Fernandes, UEL, BR

Profª. Drª. Jerusa Pires Ferreira, PUCSP, BR

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, UFPA, BR

Profª. Drª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, PUCRS, BR

Prof. Dr. Mario César Silva Leite, UFMT, BR

Profª. Drª. Nádia Regina Barbosa da Silva, Universidade Católica de Petrópolis/ Profª. Da

Universidade Estácio de Sá/RJ, BR

Prof. Dr. Roberto Vecchi, Universidade de Bolonha, IT Política Editorial.

Sentidos da Cultura é um periódico semestral do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), que publica artigos, relatos de experiência, entrevistas, resenhas, no campo referente às linhas de pesquisa do Núcleo, ligadas às áreas de letras, linguística, artes, ciências humanas e sociais, incluindo educação/ensino, com contribuições de autores brasileiros e estrangeiros.

A nomeação da revista Sentidos da Cultura é uma escolha originária de projetos do Núcleo, que objetivam promover espaços de disseminação de estudos, pesquisa e reflexão sobre a cultura, trocas de experiência e estímulo à produção intelectual. Cultura, eixo temático, é entendida como amálgama de elementos materiais ou imaginários construídos ou modificados por homens e mulheres que dão forma às sociedades. No CUMA, tentamos visibilizar essa pluralidade cultural na organização das linhas de pesquisa, composta de Audiovisual, Diversidade Linguística, Estudos em PLE/PLA (Português como Língua Estrangeira/ Língua Adicional); Memória e História, Ludicidade, Poéticas, Contadores de Histórias e ainda aberto para novas possibilidades.

Na capa, a cada edição, trará um brinquedo de miriti, que representa a cultura ribeirinha materializada em forma de brinquedo, que tem como matéria prima o braço da palmeira do miritizeiro, cujo nome científico é *Mauritia Flexuosa*. São canoas, barcos, pássaros, borboletas, cobras, elementos da fauna e da flora amazônica, cenas do cotidiano ribeirinho, que ganham forma nas mãos dos artesãos.

Revista Sentidos da Cultura

Universidade do Estado do Pará/ Centro de Ciências Sociais e Educação

Trav. Djalma Dutra, s/n, Bloco IV Telégrafo- Belém-PA. CEP: 66.113-010

Fone: (91) 4009-9561. Email: sentidosdacultura@gmail.com

<http://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos>

Editora da Universidade do Estado do Pará

Tv. Dom Pedro I, 519- Umarizal- CEP: 66.050-100- Belém-PA-Brasil

Fone/Fax: (91) 3222-5624- email: eduepa@gmail.com

www.uepa.br/eduepa

Revista Sentidos da Cultura/ Universidade do Estado do Pará.
V.5, N.8. Belém: EDUEPA, Jan/Jun. 2018.

Semestral ISSN-ISSN Eletrônico: 2359-3105

1. Universidade do Estado do Pará. 1ª edição: 2018.



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

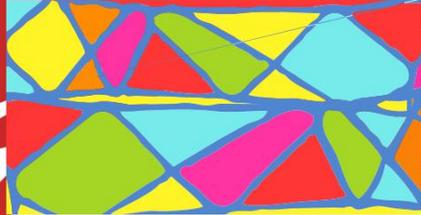
BELÉM-PA | ANO 5 | N.8 | JAN-JUN 2018

SUMÁRIO

- 03 . EDITORIAL: MEMÓRIAS DE CONTADORES DE HISTÓRIAS -**
Renilda Rodrigues-Bastos e Adrine Motley.

Artigos

- 05 . A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: UM (RE) ENCONTRO COM A PALAVRA POÉTICA -** Adrine Motley.
- 15 . O NOVELO DA MEMÓRIA -** Ana Selma Barbosa Cunha.
- 23 . AS VOZES QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI: MEMÓRIA DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS -** Joana Célia do Socorro Gomes de Andrade Martins.
- 33 . GEOTALES: NARRANDO AS HISTÓRIAS PETRIFICADAS PELA TERRA -** Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano.
- 48 . MEMORiar, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA? -** Regina Machado.
- 57 . MEMÓRIAS DO OUVIR, DO CONTAR E DO LER -** Renilda Rodrigues-Bastos.



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

MEMÓRIAS DE CONTADORES DE HISTÓRIAS

O gosto de contar é idêntico ao de escrever - os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores.

Cecília Meireles

Contar histórias é a arte de contá-las sempre, de novo. E esta arte poderia se esvaír, se histórias não forem contadas. A preocupação com a morte da narração tem uma justificativa real, se pensarmos que vivemos numa era de rápidas informações. Por isso, lutar contra a morte da narrativa é lutar contra a massificação do sujeito, é o que nos ensina Benjamin (1987) em seu famoso ensaio “O Narrador”. Os contadores de histórias sempre tiveram uma importância muito grande em muitos lugares do mundo, parece que o mundo sabe que narrar e ouvir casos, lendas, contos, mitos, em verso, em prosa, em canto e encantos... É experimentar a oralidade travestida de poesia, de verdade, de ficção que varia de contador para contador e de ouvinte para ouvinte. É como se fosse “uma brincadeira de gato e rato, na perseguição dos sentidos do texto”.

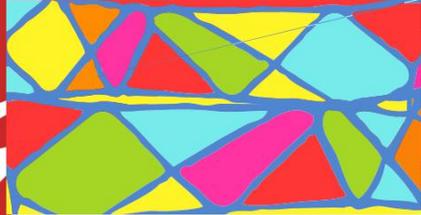
Em tempos antigos parecia natural contar o que se ouviu, atualmente a voz se faz presente não mais com a naturalidade de antes e é claro que tem muitas razões para isso, é para que possamos ter a voz como uma das grandes forças afetivas é que se conta histórias, alguns de forma “aprendida” como é possível observar na variedade de grupos de contadores de histórias. Nem sempre é fácil, há de se ter amor pelas palavras e desejo de compartilhar aquilo que se aprende a contar. O processo é de cada um. Ninguém precisa contar histórias igual a ninguém, cada contador é um ser único (parafraseando Carlos Drummond). Porém, é um desafio trabalhar com textos orais, escritos no cotidiano da vida, é um trabalho de leitor em primeiro lugar, no entanto, precisamos entender que vivemos num país cuja oralidade é mista. E por meio da palavra proferida, o contador de histórias cria eco em outras pessoas para que elas possam contribuir com a longa memória cultural da humanidade que é tecida há milênios, pela voz e pela letra, num dinâmico intercâmbio que desenha mundos pela palavra.

A poética dos textos narrativos orais da cultura evoca níveis de significações. Uns fortes que sobrevivem às viagens que esses textos fazem, outros os níveis são fracos que mudam ou são preenchidos por outros no momento da *performance* de contador de histórias, por exemplo. São os esquecimentos, os “brancos” da memória do contador, que possibilitam a criação de novos códigos culturais. Um conto, um mito, uma lenda ... são recriados em seus motivos mais fracos, em seus motivos mais regionais, por assim dizer, e

continuam sua caminhada para todo o sempre devido aos códigos culturais mais universais. São os códigos que surgem do esquecimento que dão possibilidade de (re)significação aos textos. É o que os presentifica, pois a vida é a grande criadora de códigos, e todo código cultural está prenhe de sentidos. Os símbolos, os mitos, as crenças exercem a função de presentificar o passado, e, como dizem os indígenas, temos de contar histórias para trazer a ancestralidade ao presente.

E é isso o que os contadores de histórias fazem e vivem nos movimentos de suas performances, sua herança poética compartilhada sempre. E como isso ocorreu e ocorre está na maneira como alguns deles contam nesta revista. Como a palavra poética afetiva atíça as memórias? Como cada um faz para compartilhar com os ouvintes a sua palavra? São inúmeras as possibilidades, mas, principalmente como cada uma das contadoras narra suas histórias. Sendo assim, vamos aos relatos da memória de Adrine Motley, Ana Selma Cunha, Joana Martins, Luiza Ponciano, Regina Machado e Renilda Rodrigues-Bastos.

Boa leitura de nossas histórias,
Renilda Rodrigues-Bastos e Adrine
Motley.



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: UM (RE) ENCONTRO COM A PALAVRA POÉTICA

Adrine Motley

RESUMO

Este relato da minha experiência como contadora de histórias, faz acordar em mim, memórias de um tempo em que a poesia da voz fez morada definitiva em minha vida. Foram muitas lembranças, emoções, cheiros e afetos despertados por meio da arte de contar histórias. Esta voz que embalou minhas lembranças desde a infância merece ser partilhada para compor a grande Ciranda da Vida. Boa leitura!

Palavras-chave: A arte de contar histórias. Memória. Narrativa.

ABSTRACT

This account of my experience as a storyteller reminds me of memories of a time when the poetry of the voice made a permanent home in my life. There were many memories, emotions, smells and affections awakened through the art of storytelling. This voice that has packed my memories since childhood deserves to be shared to compose the great Ciranda of Life. Good reading!

Keywords: The art of storytelling. Memory. Narrative.

E foi assim que tudo começou...

Que minhas mãos tratem com dignidade tudo que criaste e que meus ouvidos estejam atentos à tua voz.

Daniel Munduruku

Quando me propus a escrever um relato de experiência sobre a arte de contar histórias, pensei em tantos escritos já feitos e que talvez ainda não contemplassem este formato. Quanto já havia teorizado sobre esta arte, entretanto havia a necessidade de continuar, só que agora em forma de vivência sobre algo tão caro a mim.

Lembrei imediatamente do livro *O Banquete dos Deuses*, que é um relato sobre as experiências de um índio na tribo Munduruku, inclusive com o avô. O excerto que inicia meu relato ficou gravado na memória, quando me reencontrei com a palavra poética que morava em mim e assim o decorei, acredito que deva ter passado pelo meu coração como nos afirma Eduardo Galeano (1997, p. 10) no Livro dos Abraços: “Decorar ou recordar é voltar a passar pelo coração?”. Dessa forma, exatamente assim vem acontecendo comigo desde muito pequena, meus ouvidos sempre estiveram atentos a esta voz, que se apresenta desde a minha infância.

As vozes da infância

A arte de contar histórias apresentou-se, inicialmente, pela voz de meu pai. Raidóh, ou RS, Rei Solitário como ele se denomina, reunia a molecada na sala de uma casa antiga do Reduto onde morei por nove anos. Lá a casa vivia cheia de crianças e para o papai era uma

maneira que ele encontrava para não ficar ouvindo “grito de menino no pé do ouvido”.

Então, tudo começou assim...

“Era uma vez uma linda princesa que morava em um castelo. Mas era uma princesa muito triste, pois seu pai, o rei, não permitia que ela tivesse nenhum tipo de amizade. Então, passava as tardes na janela de seu quarto a pentear seus longos cabelos.

Um belo dia, o cavaleiro da corte adoeceu e ninguém dava conta da doença. Chamaram médicos, curandeiros, benzedoras e nada. Ele faleceu. O rei, então, mandou imediatamente que procurassem outro cavaleiro de igual competência. Os servos procuravam, anunciavam o nome e... o rei olhava dos pés a cabeça, balançava negativamente a cabeça e nada. Os servos já estavam cansados de procurar quando anunciaram o cavaleiro Mário. O rei ficou surpreso e aceitou na hora.

No dia seguinte, quando o cavaleiro Mário estava, no estábulo, a cuidar dos cavalos viu uma jovem muito bela a pentear seus longos cabelos. Ele se apaixonou por ela e ela por ele. Começaram um namoro às escondidas, mas, em uma noite de lua cheia, um dos servos viu os dois namorando e foi contar para o rei. Ele muito chateado trancou a princesa em um lugar mais alto da torre. Porém, a princesa era feiticeira e conseguiu mandar um bilhete para o cavaleiro Mário que dizia assim: “Cavaleiro Mário, me encontre à meia noite no estábulo e pegue o cavalo de nome Relâmpago, porque se você pegar o Trovão meu pai pode nos alcançar”. O bilhete chegou até Mário que vibrava de felicidade. Preparou o cavalo e aguardou. Mas, infelizmente, um dos servos encontrou o bilhete e o levou até o rei, justamente no momento em que eles iam fugir.

A princesa como era feiticeira levou com ela objetos mágicos e três saquinhos: um com sabão; outro com cinzas e outro com sal. Conseguiu descer da torre e quando estava próximo, foi abraçar Mário. Nesse momento, eles avistaram o rei e sua tropa indo em direção aos dois. Rapidamente subiram no cavalo, porém foi o cavalo errado, o Trovão, devido à pressa.

O rei muito chateado subiu no cavalo Relâmpago e foi sozinho em direção à princesa. Quando se aproximou cantou assim: “Eu te pego sempre, Cavaleiro Mário!”. A princesa cantou em resposta: “Papai não pega não, Cavaleiro Mário!” e jogou o saquinho com sabão. Imediatamente se transformou em uma ladeira enorme de sabão que o rei com muita raiva conseguiu ultrapassar, aproximar-se novamente dos dois e cantar: “Eu te pego sempre, Cavaleiro Mário!”. A princesa cantou em resposta: “Papai não pega não, Cavaleiro Mário!” e jogou

outro saquinho, agora com cinzas. Uma fumaça tomou conta do lugar e quando o rei se deparou ele estava em cima de uma montanha de cinzas. Ele galopou muito e conseguiu novamente ultrapassar a montanha e cantar: “Eu te pego sempre, Cavaleiro Mário!”. A princesa cantou em resposta: “Papai não pega não, Cavaleiro Mário!” e jogou o último saquinho com sal. O Rei não enxergou absolutamente nada, mas o saquinho se transformou em um mar agitado e nunca mais ninguém ouviu falar do rei.

A princesa e Mário prosseguiram viagem. No raiar do dia avistaram uma cidade e lá procuraram onde ficar. Encontraram um local, mas não tinham o que comer, então quando Mário já ia sair, a princesa o alertou: Mário não deixe ninguém passar pelas suas costas, se não, você esquecerá de toda nossa história e todo nosso amor.

Ele saiu preocupado, mas alguém falou com ele e o distraiu, deixando uma senhora passar pelas suas costas. Como em um passe de mágica ele esqueceu toda história.

A princesa chorou dias e noites porque Mário não voltava. Então, ela decidiu fazer um espetáculo com bonecos. Conseguiu o local e saiu anunciando para toda cidade: “Venham assistir! Hoje sete horas da noite, espetáculo com bonecos!” Quando estava tudo preparado para iniciar o espetáculo, a princesa resolve olhar por entre as cortinas e viu Mário sentado na primeira fila, mas acompanhado. Ela quase desiste, porém resolve contar a história deles. O espetáculo inicia com uma boneca perguntando: “Cavaleiro Mário, você se lembra que me amava muito, mas o meu pai proibiu o nosso namoro?” O boneco responde: “Não, eu não me lembro!”. Nesse instante, a princesa pega uma agulha mágica e cutuca o bumbum do boneco. E o Mário da plateia começa a se lembrar de uma história... A boneca pergunta, outra vez: “Cavaleiro Mário, você se lembra que nós resolvemos fugir para viver o nosso amor?” O boneco responde: “Não, eu não me lembro!”. Nesse instante, a princesa pega uma agulha mágica e cutuca o bumbum do boneco. E o Mário da plateia começa a se lembrar de toda a história. A boneca, então, continua: “Cavaleiro Mário, você se lembra que eu lhe disse para não deixar ninguém passar pelas suas costas, senão você esqueceria de toda nossa história e todo nosso amor?” Antes do boneco responder, o cavaleiro Mário se levanta e diz: “Eu me lembro!”. Imediatamente retira a princesa de trás das cortinas, conta toda a história para plateia, pede desculpas à nova namorada, mas diz que sem o grande amor de sua vida ele não poderá viver. Os dois se abraçam e eles foram felizes para sempre.”

Esta é a história que ficou gravada na memória e escrita em meu coração. Na

universidade a intitulei de Princesa Feiticeira. Foi ela que veio em minha memória quando realizávamos um trabalho em equipe sobre narrativas da infância, mas conto daqui a pouco sobre essa história.

Outra voz que permeia minha infância é a de minha mãe, Maria do Rosário. Ela que me incentivou a ler, pois quando chegava cansada do trabalho ainda tinha de me fazer dormir e lia revistas em quadrinho com tanta fluência que despertou em mim um desafio: preciso ler tão rápido quanto mamãe. E foi assim que conquistei o título de melhor aluna da alfabetização, minha professora me levava várias vezes para ler na frente da madre superiora, no colégio religioso em que estudava.

Além disso, quando a noite chegava mamãe reunia-se com outras mães e suas crianças em frente a um prédio de poucos andares e lá nossas mães brincavam de roda conosco. Lembro muito desta cantiga:

- Senhora Dona Sancha,
coberta de ouro e prata,
Descubra seu rosto,
que nós queremos ver!

- Que anjos são esses,
que estão me arrodando
É de dia, é de noite,
Padre Nosso, Ave Maria.

- Somos filhos do Rei,
somos netos da Rainha,
Que mandou nos esconder,
Lá debaixo da palmeirinha.

Valetim, tim, tim,
Valetim, meu bem,
Quem tiver inveja,
faça assim também!

Esse era um dos momentos mais esperados: a brincadeira de roda. Essa voz que contava e cantava as cantigas de forma tão melodiosa, na qual todo o corpo se envolvia para o momento do ouvir. Mamãe se divertia brincando com a garotada e ela conseguia com que todas as outras mães se envolvessem. Para nós crianças, era o dia mais feliz de nossas vidas.

Outra voz marcante foi de uma tia chamada Márliã. Ela com um olhar graúdo, olhos verdes profundos, fazia caras e bocas ao contar histórias de terror, eram as suas prediletas. Ela tinha o prazer em ouvir os gritos da plateia (seus sobrinhos).

Quando morou um ano conosco, cursava o Magistério, na antiga escola IEEP (Instituto de Educação Estadual do Pará). Nós nos encontrávamos no horário do almoço e minha memória revive o dia em que ela chegou dizendo que tinha uma história para me contar, porém era de terror e estava pensando se iria contar ou não, pois eu não ia conseguir dormir. Isso era tudo que ela não poderia dizer, já que minha imaginação se aguçava e desse modo, eu quase implorava para que ela me contasse, até que contou. Era uma história envolvendo uma boneca que acabara de ganhar: a boneca da XUXA, que tanto amava. O que aconteceu com a minha relação e a boneca, conto outra vez.

Além disso, minha tia trouxe do convento, em que morou, uma brincadeira chamada “Mulher descabelada”. Esta brincadeira começava com uma narrativa e dois objetos peculiares nas mãos: um terço e uma santa luminosos: “À meia noite em um

cemitério da cidade, saía uma mulher descabelada de sua tumba, com uma faca na mão, passando manteiga no pão...”.

O restante da narrativa ficava para a imaginação e para o próximo que assumisse o lugar da mulher descabelada, porque ao ouvirmos a palavra pão, os gritos e a correria começavam. Titia, como carinhosamente a chamo, foi uma contadora que também marcou minha infância. Hoje, aos 36 anos de idade, quando nos encontramos ainda na casa de minha avó, relembramos, em altas gargalhadas, este tempo de saudade e tantas histórias para contar.

Vozes entretecendo voz

Na adolescência eu já era leitora e comecei a decorar alguns textos poéticos. Minha irmã saía para aula, em um turno diferenciado do meu. Enquanto isso, eu curiosamente, e “politicamente incorreta”, abria a gaveta, pegava sua agenda e começava a ler. Eram tantas anotações de poemas, que decorei, de tantas vezes que abri e fechei a agenda. Eis que lhes apresento um deles, de Cecília Meireles:

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,

— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Tempos depois, no ano de 2000, eu o reencontro. O mesmo poema foi escolhido pelo grupo *Griot* para ser o “abre-alas” das apresentações do grupo. Lembro-me da primeira vez em que o escolhemos para compor o repertório. O grupo decidiu que faríamos juntos e que ele iniciaria nossas apresentações. Fiquei muito feliz com a ideia, pois o sabia decorado desde a adolescência.

Por falar em adolescência minha trajetória no grupo de contadores de histórias da UEPA começou aos 17 anos de idade. Foi no ano de 2000, que eu, Adrine Motley, e uma grande amiga, Ana Cláudia Moscoso entramos para o grupo de contadores de histórias da Universidade do Estado do Pará.

Neste mesmo ano estávamos no 3º semestre do Curso de Formação de Professores, quando, em uma dinâmica, fomos instigadas a ativar nossa memória e puxarmos do nosso baú de recordações, histórias que nos foram contadas na infância. Foi uma maravilhosa viagem a uma época, onde a fantasia tinha prioridade.

Dentre as narrativas que surgiram, optamos por uma e teorizamos sobre ela nos campos da Psicologia, Biologia e Formas de Expressão e Comunicação Humana. Escolhemos a história da “Princesa Feiticeira”, que ouvira de meu pai. Este conto transformou-se em uma belíssima apresentação, que buscava

mesclar a arte de contar histórias com a técnica da pantomima.

A coordenadora do grupo, na época, era nossa professora de Formas de Expressão e Comunicação Humana e ficou tão maravilhada com o que viu que nos convidou para participar do grupo. Ela possuía e possui um vasto conhecimento teórico na área e nos fez enxergar o que nós ainda não tínhamos visto: que havia uma veia de Sherazade, que precisava ser exercitada.

No início acompanhávamos as apresentações do grupo, contando a história da “Princesa Feiticeira”. Porém, em pouco tempo, já dávamos nossos primeiros “voos”. Começamos, então, a entrar no mundo dos versos, enveredamos pelas linhas dos mais diferentes e importantes poetas da literatura.

Sendo assim, o narrador nada mais faz do que emprestar seu corpo ao texto e para que todo esse encantamento se cumpra, é necessário que exista todo um trabalho de voz e gestos, que no grupo é feito a cada encontro, como diz Heloísa Prieto (1999, p. 41): “Decorar uma narrativa, ou um poema, é uma forma de possuí-los”.

Todos os participantes do grupo estimulados pelos contos, nos tornamos leitores, buscando em diversos autores, subsídios para, da melhor forma possível, desenvolver nosso trabalho.

O trabalho continuou, e no ano de 2001 aumentou a quantidade de convites para apresentações fora dos muros da Universidade. Porém, o grupo perdeu muitos componentes devido ao término do curso.

A partir de então, o grupo constituiu-se somente de mulheres: Adrine, Ana Cláudia, Alessandra, Andréa, Dia, Rita e Simone, o que nos leva a pensar em tantas mulheres tecelãs que conhecemos em nossas andanças por meio dos textos.

O tempo passava e nos tornamos mulheres tecelãs de linhas, de letras, de palavras no labirinto da vida o que nos remete à mitologia grega e o famoso fio de Ariadne:

Aquela que tece com perfeição os fios que irão um dia orientar sua própria saída do labirinto, desafiando o patriarca e derrotando o tirano. E criar um novo tecido. Uma trama, talvez. Uma linhagem certamente (MACHADO, 2001).

Após diversas aventuras vividas, o grupo no final de 2001, começa a ser visto como um Projeto de Extensão aos olhos da Universidade. Os membros do grupo passam a ser bolsistas desse projeto. E, nesse período, já contávamos com dois rapazes, o Keydson Costa e o Paulo Feio Felipe.

Neste contexto, nós nos tornamos o Grupo de Contadores de Histórias da Uepa *Griot*, nome escolhido com a colaboração da Prof. Dr. Josebel Akel Fares. Após muitas pesquisas, membros do grupo e coordenação chegaram ao termo *Griot*, uma vez que dentre tantos grupos de contadores existentes no Brasil, a maioria destes homenageia nossos irmãos indígenas, e elas resolveram homenagear nossos irmãos negros, pois este termo é de origem francesa que designa “os homens-memória de tribos africanas que guardam na mente a história dos seus

antepassados”(SANTANA; SIMÕES, 2016, p. 136)

O tempo passou e outros caminhos foram trilhados pelos membros do *Griot*. Houve uma pausa necessária para que todos tivessem a oportunidade de alçar outros voos, viver novas experiências e seguir novos caminhos ou optar em percorrer os velhos já conhecidos.

Dessa maneira, fui conhecer novos contadores que carregavam consigo uma peneira de sonhos e poesia a la Manoel de Barros. No ano de 2009 entrei para o Grupo *Ayvu Rapyta*, que traz como um de seus significados, palavra habitada.

No início de sua trajetória, o Grupo estava vinculado a SEMEC (Secretaria Municipal de Educação), órgão que trabalhei como professora alfabetizadora. Após várias reuniões, os participantes optaram por seguir de maneira autônoma, um desafio de contar histórias em espaços diferenciados como periferias e praças públicas, escolas além dos muros da Secretaria Municipal. Foram experiências enriquecedoras com contadores de histórias entre 20 e 80 anos.

Além disso, no mesmo período, comecei a me lançar; a realizar apresentações individualmente, já que minhas experiências eram em grupos.

Era ano de 2010 e eu fui conhecer uma livraria na cidade de Belém que estava com uma proposta de formar público ouvinte de histórias e leitores. Iniciei um trabalho que manteve por mais de um ano e de forma bastante satisfatória, já que o objetivo foi

alcançado. Tínhamos um encontro todo sábado às cinco da tarde e a resposta era ver crianças e pais lendo livros juntos ao final da sessão de contação de histórias.

As imagens que seguem trazem um pouco de minha memória registrada por amigos e conhecidos que se encontram em meu acervo pessoal e do grupo *Griot*.

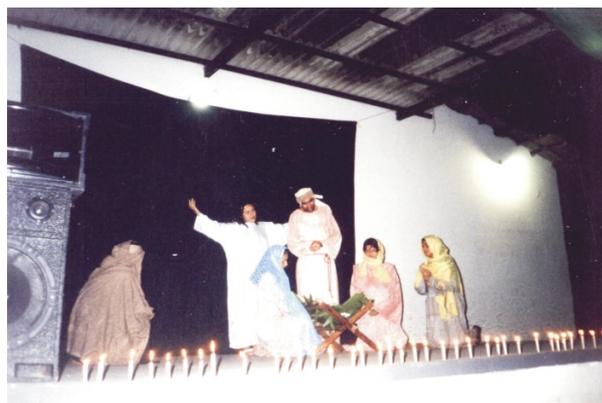
As vozes em *performance*



O grupo em ação com a oficina de Literatura Infantil na Semana Acadêmica de 2000, socializando conhecimentos com os estudantes da UEPA e do interior.



O grupo participou do “UEPA NO CÍRIO”, fazendo uma *performance* que demonstrava o que aconteceu quando a imagem da Santa foi encontrada. O evento contou com a participação dos alunos da Escola Vera Simplicio.



O último evento de 2000 foi o Auto de Natal. O grupo contou a história do Nascimento de Jesus a toda a comunidade acadêmica.



interesse para com os contos e entrada para o Grupo de Contadores de Histórias.



O Grupo participou do II Simpósio do Curso de Formação de Professores, fazendo uma homenagem aos autores paraenses.



No ano de 2001 a primeira apresentação ocorreu na Semana Acadêmica do CCSE e nós resolvemos pintar somente um lado do rosto, e a roupa preta, caracterizando assim um vínculo do contador com o teatro, e a partir de então o grupo adotou esta marca.



Grupo *Griot* durante a Gravação de vídeo em 2013



Apresentação individual 2012.



Ainda durante a VII Semana Acadêmica no espaço da Biblioteca Paulo Freire, grupo se apresentou declamando poemas de diferentes movimentos literários brasileiros.



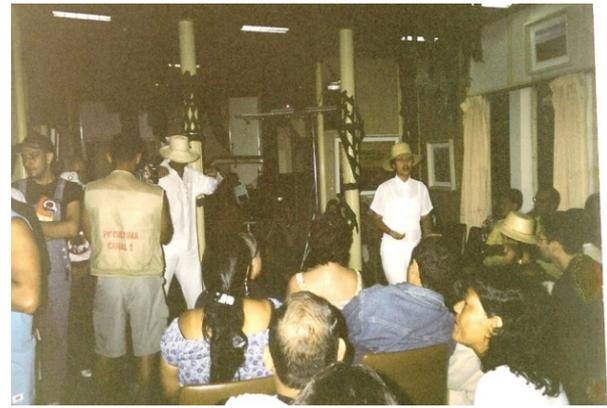
Ainda em 2001, o grupo participou do “NATAL DA UEPA”, declamando das janelas da Reitoria, poemas relacionados com a época.



Neste momento, o Grupo aparece ministrando uma oficina sobre a arte de contar histórias, para alunos do campus da UFPA, em Altamira, pelo Projeto IFNOPAP.



Apresentação do Grupo *Ayvu Rapyta* na feira de Livro em 2009



Apresentação no II IFNOPAP. Ano de 2001



Jornada de Estudos Linguísticos e Literários ano 2002



Durante a visita do escritor Salomão Larêdo, o grupo o homenageou, ressaltando as lendas amazônicas em verso, e ainda declamando texto do próprio escritor.

O eco da poesia na voz

Contar uma parcela de minha trajetória pessoal na arte de contar histórias é um grande reencontro com o ser poético que habita em mim. Sinto-me grata em partilhar momentos de grande emoção, mas acima de tudo de descoberta do que atualmente é o significado desta arte em minha vida.

Apresentei algumas fases e em cada uma delas percebi que a tradição oral precisa se manter presente em diversos ambientes que estejam de portas abertas para a escuta dessa voz. Além do que, as narrativas se tornam vivas, no corpo e na voz de um contador de

histórias, o que estimula a *movência* da tradição.

Nos grupos em que tive a honra de participar e na convivência com diversos contadores de histórias, obtive grandes aprendizados, reflexões ímpares que me constituíram na contadora de histórias que hoje atua. Neste contexto, eu vi nascer e crescer um desejo: o de partilhar a palavra poética a todos que querem ouvi-la.

Por fim, posso afirmar que, a cada vez que conto uma história, seja na escola onde trabalho, seja para minha filha todas as noites antes de dormir, eu entrego o momento para a grande ciranda da vida. Dessa maneira, conecto-me com o que há de sagrado em cada narrativa. Por meio dessa voz, sinto-me conectada à Humanidade, desde tempos imemoriais.

Sendo assim, sigamos a voz da sabedoria popular nesse ouvir e contar histórias, a fim de manter sempre nutrida a sensibilidade e o imaginário. E, em *performance Griot: entrou por uma porta e saiu pela outra quem quiser que conte outra!*

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CECÍLIA MEIRELES. **Antologia Poética.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços.** 5ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: Sobre Leituras e Escritos.** Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2001.

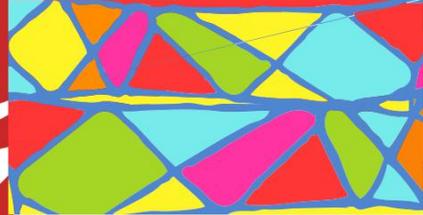
MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: Conversa Sobre a Origem da Cultura Brasileira.** São Paulo: Angra, 2000.

PRIETO, Heloisa. **Quer ouvir uma História?** – Lendas e Mitos no Mundo da Criança. São Paulo: Angra, 1999.

SANTANA, Adrine; SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro. Os contadores de histórias: uma experiência com o Grupo Griot de Belém do Pará. In: Traços e , 2016, p. 136

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Editora Hucitec. São Paulo: 1997.

Adrine Motley - adrinemotley@yahoo.com.br
Mestre em Estudos Literários pela UFPA (2015). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2002) e graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (2010). Especialista em Literatura e suas Interfaces pela UEPA (2004). Membro do grupo de pesquisa Contadores de Histórias, do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) da Universidade do Estado do Pará. Atua como professora e contadora de histórias.



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

O NOVELO DA MEMÓRIA

Ana Selma Barbosa Cunha

Resumo

Este artigo traz em seu desenrolar o novelo de minha memória como contadora de histórias, ofício desenvolvido há mais de uma década na cidade de Belém. Venho desenrolando este novelo a fim de encontrar em minhas vivências como contadora de histórias, o fio da meada, o que me levou a narrar. Procuro percorrer as linhas que teceram o tapete de minha vida e me apresentaram a possibilidade de contar histórias e assim fazer parte da tessitura dos tapetes de muitas pessoas. Mas este tapete precisa da contribuição de várias outras pessoas para que se seja reconstituído, pois a memória individual se fez pelo encontro de muitas memórias como discute Maurice Halbwachs (2006).

Palavras-chave: Memória. Contar Histórias. Vivências

Abstract

This article brings in its unfolding the ball of my memory as a storyteller, an office developed more than a decade ago in the city of Belém. I have unrolled this ball trying to find in my experiences as a storyteller, the thread of the skein, which led me to narrate, trying to traverse the lines that made the carpet of my life and presented me the possibility of telling stories and thus be part of the fabric of the carpets of many people. But this carpet needs the contribution of several other people to be

reconstituted, for the individual memory was made by meeting many memories as discussed by Maurice Halbwachs (2006).

Keywords: Memory. Storytelling. Experiences

Desenrolando o fio da memória

A primeira vez em desenrolei o novelo de minha memória, buscando encontrar o momento em que as histórias entraram em minha vida, foi em 2013 quando recebi o convite de Fábio Medeiros, para enviar um relato de minha experiência como contadora de histórias para integrar o livro “Contaçon de histórias: Tradição Poéticas e interfaces”¹.

Nesta busca, em que julguei ter encontrado o fio da meada de minhas memórias sobre o encontro com as narrativas, recordei-me de que, em meados dos anos 80, em que eu e minha família mudamos para Itaituba, município pertencente à Mesorregião do Sudoeste paraense, na ocasião da construção do texto sobre este período relatei:

Lembro-me de estar deitada em uma rede durante a sesta e, em outra, meu pai, meu contador de histórias particular, narrando-me de memória um cordel com uma história de trancoso. Meu pai é piauiense e “história de trancoso” é uma expressão frequente na linguagem popular nordestina para denominar histórias de encantamento ou fantásticas, nas quais, geralmente a personagem principal consegue, por meio da inteligência e da astúcia, resolver problemas extremamente complexos (CUNHA, 2015, 452-53).

Meu pai, um piauiense falador, sempre foi sisudo e não era chegado a muitas demonstrações de carinho, mas em Itaituba vivemos momentos de afeto tecidos pelas narrativas, assim pude aproximar-me mais dele e da cultura nordestina de maneira bastante intensa e no embalo das redes, que deitávamos após o almoço, meu pai alimentou-me de palavras.

Talvez por ter sido o período em que fiquei mais próxima de meu pai minha memória me apresentava este período como sendo o meu primeiro encontro com as narrativas.

Acontece, que nas histórias sempre tem um mas ...

Mas acontece que depois de alguns reencontros com pessoas as quais convivi na infância e longas conversas com meu pai e minha mãe, pude ir juntando mais retalhos aos retalhos das memórias de que dispunha e assim fui refazendo minha própria memória.

Maurice Halbwachs (2006) afirma que as lembranças surgem, por meio do jogo invisível de forças psicológicas inconscientes, ressaltando-se que a maior influência que recebemos para lembrar são de fatores externos a nós. E esta influência do meio social se dá como um ato involuntário. Vivenciariamos então, vários estados, aos quais o autor denomina de intuições sensíveis, quando muitas correntes sociais se cruzam e se chocam em nossa consciência.

As lembranças estão dispersas, externas à nossa vontade, entre os ambientes que circulamos e são as forças que as fazem

1 Publicado em 2015 pela Editora Sesc São Paulo. Esta publicação traz artigos de contadores de histórias de vários lugares do Brasil, assim como relatos de experiências de vários contadores.

reaparecer (HALBWACHS, 2006, p. 57). Não basta reconstituir a imagem de um acontecimento passado, pedaço por pedaço, para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Assim, quando reencontrei pessoas da infância, foi como se um clarão se fizesse e conseguisse acessar o período do final da década de setenta quando, recém-chegada em Belém, vinda do Maranhão, ainda muito pequena, recordo o primeiro contato que tive com uma personagem do imaginário amazônico. A rua estava vazia e alguns segundos depois, ela apareceu no começo da rua, eu quis fechar a janela, mas a mão da curiosidade não permitiu e então pude olhar para ela. Sim, eu a vi!

Ela era negra, magra, estatura mediana, meia idade, cabelos desgrenhados, roupas sujas, um saco de sarrapilheira em uma das mãos, que barulhava o som de latas vazias e a mulher por vezes abria a boca do saco e falava coisas inaudíveis olhando para dentro dele, mas quando meus olhos estavam a procura de ver os seus pés (claro, pois eu queria confirmar se eram de pato!), eu percebi que ela também me olhava e nos segundos deste encontro algo aconteceu que não sei dizer...

Pelo menos não soube durante algum tempo. Sei dizer que foi assim que olhei nos olhos de uma Matinta Pereira pela primeira vez! Guardei esta experiência em minha memória e lá ela adormeceu, nas areias do fundo rio de minha memória.

No final da década de 80, na transição da infância para a adolescência, vivia um dilema: ser maranhense ou paraense? Qual cultura deveria amar? Da terra onde nasci ou da terra que me via crescer?

Um dia, o professor da disciplina de Literatura Paraense, da Escola Municipal Manuela Freitas, onde concluí o Primeiro Grau, à época entregou à turma o livro da Coleção Texto e Pretexto², um livro que trazia a Literatura paraense, como fio condutor.

Fiquei encantada pelos textos, pelas poesias, conheci autores como Dalcídio Jurandir, João de Jesus Paes Loureiro e Rui Paranatinga Barata, deste em especial, recordo como se fosse hoje um dos meus poemas favoritos: “Esse rio é minha rua”, depois que o li nunca mais olhei da mesma forma para os rios de Belém e eu, maranhense de nascimento, mas que me sentia confusa por não me ver mais como nordestina e sim como nortista, paraense, fui me sentido cada vez mais pertencente à cultura destas terras parauaras.

Por meio dos textos que li naqueles anos finais do Ensino Fundamental, por meio da

2 Para saber mais sobre a experiência com a coleção “Texto e Pretexto”, indica-se dissertação de ALMEIDA, Eliana Pires de. “O lugar dos saberes amazônicos no ensino da disciplina Literatura”. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) defendida na Universidade do Estado do Pará, Belém – Pará, 2012.

Literatura, compreendi-me amazônida, banhada de rio e vivente da floresta, e isto não era errado, não me fazia renegar minhas origens em detrimento ao amor cada vez mais forte por esta terra que me acolheu. A Literatura me deu uma identidade.

Na década de 90, ao ingressar no então Segundo Grau na Escola Estadual Deodoro de Mendonça, fui aluna do poeta Paulo Nunes e de sua esposa Josse Fares e durante as aulas de Literatura proferidas por eles ouvi narrativas cheias de poesia, beleza e encantamento. Suas aulas eram por mim muito esperadas, pois nesses momentos meu imaginário se encharcava da palavra poética. Momentos que ficaram em minha memória e fizeram crescer em mim o desejo de ser professora, para quem sabe, poder fazer por meus alunos o que aquelas vivências com a Literatura me proporcionaram.

Busquei então o curso de Licenciatura em Pedagogia (de 1994 até 1999) e ali pude reafirmar meu desejo em ser professora. Foram anos de aprendizado e paixão que se fortaleceram com a disciplina Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, ministrada pela professora Selma Pena que apresentou à turma a autora Fanny Abramovich e seu livro *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*.

Este livro me encantou por apresentar o universo brincante das palavras, textos cheios de ludicidade e encantamento e aprendi, principalmente, que tudo o que se pensar em oferecer às crianças deve ser feito com muito cuidado e respeito, pois a Literatura Infantil não

é uma literatura menor e tem a grande missão de conquistar leitores para o resto da vida.

Em 2002, um momento tornou-se um divisor de águas em minha vida: quando ouvi a professora Ana Cristina Ramos, na Escola Municipal Terezinha Souza, narrar o conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector. Foi um momento de arrebatamento inexplicável que se deu, fui levada literalmente, para dentro daquela história tal era a verdade com a qual Ana Cristina a narrava. Ao final do conto converte-se em pranto toda a emoção que senti naquele momento.

Ana Cristina, professora, amante da Literatura, sua autora de grande estima é Clarice Lispector. Ana é uma professora-contadora de histórias, encantadora de pessoas por meio da palavra. Fui “mundiada” por ela, encantada e conduzida ao mundo das narrativas.

A partir da experiência de ouvir com Ana Cristina, revivi o gosto das tardes enoveladas de poesia nas aulas de Literatura na escola Deodoro de Mendonça e minha memória foi mais longe ainda ao buscar os momentos em que meu pai, meu contador de histórias particular, narrava histórias de Trancoso e as narrativas versadas nos cordéis que ele trazia de cor. Indo mais fundo ainda em minha memória pude, então, entender o que a Matinta da minha infância me disse no olhar que trocamos: “Conte esta história!”.

O prazer ressurgido a partir de cada um desses momentos despertou o desejo de me comunicar com as pessoas por meio das narrativas, apresentar possibilidades múltiplas

de sonhos, conduzir os ouvintes a revisitar lugares da memória e de suas emoções, desde então passei a contar histórias.

Em meu caminhar fui procurando construir meu “eu” como contadora de histórias, descobri que os contos tradicionais me motivavam muito, que ouvindo histórias me constituía como narradora. Aprendi que é necessário ouvir muito, deixar-se conduzir pela narrativa, experienciar o ouvir para depois contar.

Estudei sobre a arte da narrativa, fiz cursos, ouvi muitos contadores narrarem suas histórias de vida e as que traziam na memória, tive o presente de ouvir e conviver com grandes mestres contadores e histórias como Celso Sisto, Cléo Bussato, Regina Machado, Francisco Gregório entre outros.

Contei histórias em grupo: primeiro foi o Grupo de contadores da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), depois este grupo desligou-se da secretaria e tornou-se o *Ayvu Rapyta*, grupo com o qual vivi muitas experiências maravilhosas no exercício de narrar durante mais ou menos oito anos.

Com o *Ayvu* vivi a experiência de narrar para muita gente, nos apresentamos em feiras de livros, eventos acadêmicos, praças, escolas, eventos particulares, enfim, posso afirmar que eram experiências de profissionalização do ato de narrar. Até que um dia tomei a decisão de sair do grupo, precisava revisitar meus lugares internos, imagens, memórias, reencontrar cores, cheiros, sentimentos e sensações que me fizessem voltar ao ato ancestral do contar.

Walter Benjamin (1987) fala da importância das experiências repassadas por

meio das narrativas quando mostra sua preocupação com a morte da narrativa:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p. 114).

Para Benjamin, com a morte do narrador, deixar-se-ia de ensinar pela experiência, sendo esta uma das contribuições de um narrador, que utiliza o instrumental de seus sentimentos, sensações e vivências, além da observação do mundo e das pessoas, para levar a verdade da narrativa, atravessada por sua experiência para o ouvinte.

Ouvi, certa vez, da pesquisadora de narrativas da tradição oral e contadora de histórias, Regina Machado, em uma roda de conversa, que as histórias contribuem para a ampliação do repertório de imagens internas do ser humano. Isso possibilita experiências muito profundas por meio da escuta conduzida pela voz do narrador: experiências de amor, de sofrimento, raiva e etc.

Assim, o contador ou contadora de histórias, convida o ouvinte a viver a história narrada e, se este convite é aceito, o ouvinte se permite experimentar o vivido na e pela narrativa, para quem sabe um dia utilizar, ou não, aquela experiência seguirá com ele para toda a vida.

Por falar em experiência, as vividas por mim, nos encontros com as mais diversas narrativas, fizeram crescer o desejo de partilhar com os meus pares a beleza, que elas, as histórias, me possibilitaram ver e sentir. Assim, professora que sou, iniciei a partilha com meus alunos, e sigo contando um pouco desta experiência.

Sobre a experiência de contar histórias na sala de aula...

Por compreender a importância da interação mediada pelas narrativas, sua contribuição para as relações humanas e por entender que os laços criados entre narrador e ouvinte são muito fortes, assumi que passaria a ser uma professora-contadora de histórias. Comecei a contar histórias para meus alunos por desejar estabelecer com eles um vínculo para além do pedagógico, tendo a consciência de que o narrar histórias em sala de aula não se tratava de uma mera ferramenta didática, mas sim da possibilidade de exercício de humanidade. Regina Machado (2004, p. 28), sobre o ato de narrar histórias para crianças na escola, afirma que:

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não quer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo querer “produzir tal efeito” e sim entender que para cada uma delas aquela história traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento.

O vínculo criado é carregado de sentidos, significados e ressignificações que vão para além do que é percebido, com os se estabelece uma cumplicidade que contribui sobremaneira no processo de ensino e aprendizagem. De forma particular, cito o exemplo de uma turma de alfabetização na qual o fazer pedagógico foi permeado pelas poéticas da oralidade: literatura oral e escrita, poemas, cantigas, brincadeiras cantadas e tantas outras gostosuras que o ato de aprender a ler veio como consequência, sem sofrimentos.

O narrar histórias em sala de aula me trouxe, também, a possibilidade de trabalhar a autoestima dos alunos que estava seriamente comprometida devido à dificuldade de aprendizagem. Com este ato de contar, surgiu a oportunidade de os alunos superarem as dificuldades e se sentirem capazes de superar as dificuldade como qualquer outra criança.

Certa vez um aluno, já adolescente, ao se dar conta de que tinha de fato, aprendido a ler, pediu-me para levar para casa o livro que eu havia lido para a turma e que tinha despertado nele o desejo de ler. Depois me contou que tinha lido para várias pessoas da família. Era necessário mostrar a todos, mas precisava ser aquele livro, seu porto seguro. Regina Machado (2004, p. 28) ressalta que quando a criança ouve uma história:

É como se ela pudesse passear pelo reino das possibilidades de significar, reinventando para si mesma a sua história naquele momento. E esse passeio pode ensinar sobre a aventura humana no domínio do imaginário. É como se ela pudesse se instrumentar para um

tipo de experiência interna familiar, mas que não pode ser explicada pelos modos habitualmente conhecidos.

As histórias contribuem para que os alunos, crianças ou adolescentes consigam ultrapassar os obstáculos, vencer os conflitos internos, tal qual o sultão na história das Mil e uma noites, e encarar a realidade fortalecidos.

Outra lembrança muito forte que guardo dos momentos em que narrei histórias em sala de aula foi quando percebi alguns alunos com conduta discriminatória em relação a uma colega de classe e precisei intervir junto à turma. Ela era extremamente tímida, encolhida, tentando parecer invisível, e devido aquela atitude dos colegas, conversei com eles que prometeram parar com aquele tratamento, mas ela, a menina, continuava recolhida e triste.

Lembrei-me da história *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado, em que a personagem da história é descrita em sua negritude de forma tão bela, que eu sentia que poderia ajudar a melhorar a autoestima daquela menina. Estudei a história, preparei e narrei a história para a turma e não pude deixar de perceber como a aluna parecia crescer, literalmente, diante de todos.

No dia seguinte, a aluna entrou na sala sorridente e com os cabelos cheios de tranças enfeitadas, com laços de fitas coloridas e em coro os colegas disseram: “Olha, professora! A menina bonita do laço de fita da história que senhora contou!” A menina não cabia em si de uma alegria radiante que a deixou mais linda do que ela já era. Confesso que não segurei as lágrimas quando ela veio e me deu um abraço

silencioso que me disse muito. O que não faltam são histórias que as histórias me proporcionaram nestes anos em que percorro o caminho do contar histórias em sala de aula.

Em 2008, assumi a sala de leitura da Escola Municipal Nestor Nonato de Lima, situada na periferia de Belém, onde atuei por alguns anos como professora e pude vivenciar o poder de gerar afeto que a contação de histórias possui. Desde a primeira história narrada estabeleceu-se, entre a professora/contadora de histórias e os alunos/ouvintes, uma linguagem própria permeada de símbolos despertados pelas palavras.

Contei muitas histórias para centenas de crianças juntas, sentadas, deitadas e de olhos, ouvidos e coração abertos para ouvir. Alguém, um dia, me perguntou: como eu conseguia fazer aquilo, mais de cem crianças prestando atenção, ligadas em mim? Eu respondi que o poder não era meu, aquele era o poder das histórias, o poder da Palavra.

Em 2012 assumi a direção da Escola Estadual Amazonas de Figueiredo, onde atuo até os dias de hoje, e, claro, dentre ações que se faziam necessárias à prática de uma diretora, acrescentei mais uma: a de contar histórias para os alunos em momentos os mais diversos possíveis e ouvi várias vezes com o coração cheio de orgulho, as crianças comentarem de minha aproximação, não com temor, mas com expectativa: “lá vem a diretora, será que ela vai contar uma história?”

O fio ainda sendo tecido...

Hoje, sigo contando histórias para o meu filho, para os filhos de outros, para os próximos e para os que vêm de longe. Conto em escolas, praças, livrarias, faculdades, embaixo de uma árvore com o vento levando a minha voz... Conto onde o sopro de vida que sai dos meus pulmões e passa pelo meu coração possa encontrar-se com ouvidos generosos dispostos a ouvir.

Retribuo com ato de narrar toda a gratidão que trago em meu coração. As histórias me curaram, ajudam-me na busca por ser uma pessoa melhor, que ainda prossegue, e, claro, me fazem mais humana e me mantêm acreditando na beleza partilhada por meio da Palavra.

Ao narrar procuro sempre olhar nos olhos dos meus irmãos e irmãs que a vida, caprichosamente, alinhavou e nos uniu num único tapete belo e tão ricamente bordado. Contar histórias não é apenas proferir palavras bonitas, contar histórias é ter ciência da importância do outro; contar histórias é partilha, é comunhão e, acima de tudo é encontro. Ao sair narrando fiz tantos amigos, fios preciosos que procuro ter cuidado para não deixar desmanchar.

E chego ao fio da meada compreendendo que não é o final, que contar histórias apontam para um tecer contínuo, e que as histórias, assim como nos contos das “Mil e uma noites”, precisam ser contadas, sempre e sempre para que possamos nos manter vivos a cada amanhecer.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

Experiência e pobreza In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, Ana Selma Barbosa. **Procurando o fio da meada: o encontro entre o contador e o desejo de contar.** In *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces.* MEDEIROS, Fábio Henrique Medeiros e MORAES, Taiza Mara Rauem. (Orgs.). São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** Trad. Beatriz Sideau. São Paulo. Centauro, 2006.

MACHADO, R. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne. A. **A Palavra do Contador de Histórias: sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias** (2ª ed. revista e ampliada). Curitiba, Positivo, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz de Pochat, Maria Inês de Almeida – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Ana Selma Cunha - anaselmacunha@gmail.com
Licenciada Plena em Pedagogia (UFPA/1999), especialista em Psicologia Escolar com ênfase em Psicopedagogia (UEPA/2003), especialista em Gestão Escolar (UFPA/2014). Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-Unama). Servidora concursada das redes Municipal (desde 2002) e Estadual (desde 2008) de Ensino. Contadora de histórias (desde 2004) e Integrante da Rede Internacional de Contadores de Histórias (RIC/ desde 2012), membro co-fundador do Movimento de Contadores de histórias da Amazônia. Realiza formações de profissionais nos seguintes temas: Contar histórias, formação de leitores e práticas de letramento.



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

**AS VOZES QUE ME TROUXERAM ATÉ
AQUI:
MEMÓRIA DE UMA CONTADORA DE
HISTÓRIAS**

Joana Célia do Socorro Gomes de Andrade Martins

Resumo

Busco neste texto fazer um passeio pela minha memória de contadora de histórias e revisitar as vozes que embalaram os momentos de brincadeiras, reflexão, alinhamento e amadurecimento desde os caminhos percorridos durante minha infância, na pequena cidade de Oeiras do Pará, seguindo pela minha atuação como professora, contadora de histórias, até conhecer a arte de contar histórias. Uma arte que veio com os estudos junto ao *grupo Ayvu Rapyta*, do qual participo há dez anos levando encantamento e poesia para crianças de todas as idades.

Palavras-chave: Memórias. Vivências. Arte de contar histórias.

**THE VOICES THAT MAKE ME BECOME
HERE:
MEMORY OF A STORY COUNTER**

Abstract: I looked for the text "The voices that brought me here: a storyteller's memory" to take a walk through my storyteller's memory and revisit the voices that filled the moments of play, reflection, alignment and maturation during the paths covered since my childhood in the small town of Oeiras do Pará, following my role as a storytelling teacher, until I learned the art of storytelling with my studies with the *Ayvu Rapyta*

group, of which I participated for ten years in enchantment and poetry for children of all ages.

Keywords: Memories. Experiences. Storytelling art.

O Pai

Palminhas e palminhas
Mamãe dá a maminha
Papai quando vier
Dá sua sopinha de mel
Vovó com o cipózinho
Na bundinha do nenê
“Paque” na bunda do neném³

O meu percurso enquanto contadora de histórias começa quando eu ainda era pequena em Oeiras do Pará⁴, em uma casa de madeira que ficava de frente para o rio de águas claras com o fundo de areia e algumas pedras. Havia também uma ponte enorme, um trapiche e um depósito. Era a casa mais alta da rua, tinha um palanque na frente e só quando cresci entendi o motivo: era para os dias de lançante, quando as águas cresciam, cobriam nossa ponte e inundavam as ruas. Eu e meus irmãos ficávamos no palanque olhando peixes e pequenas cobras que passavam na calçada de cimento. Fazíamos barquinhos de papel e soltávamos na água. Tinha muita sanguessuga e as pessoas espremiavam limão nos pés para que elas caíssem. Eu chorava só de ver, até hoje tenho medo de sanguessuga.

A primeira voz que aparece quando passeio na memória afetiva de minha infância é a de meu pai, Ananizio Viana de Andrade, o velhinho de cabeça branca, como era carinhosamente chamado antes de se encantar.

³ As epígrafes que introduzem cada parte do artigo foram retiradas de brincadeiras ensinadas por meu pai Ananizio Viana de Andrade.

⁴ Município no Nordeste do Pará, os antigos moradores o chamavam de Vila Araticu.

Só gostava de camisa com bolso e nele colocava um lenço e um pente, vivia penteando seus cabelos ralinhos. Adorava brincar com as palavras e logo aprendi a dizer trava-línguas, parlendas e adivinhações. Sentava no chão com as mãos espalmadas e convidava para brincar de *Vassourinha*, *vassourinha*, *varre a casa da rainha*. *Gata pintada quem foi que te pintou? Foi uma velha que passou por aqui. Tempo de Eva, voa a poeira, puxa o lagarto pela ponta da orelha-lha*. E rindo, puxávamos as orelhas uns dos outros.

À noite, quando já estávamos deitados na rede, papai contava histórias. Depois de dormir ele me colocava na cama ou em outra rede. Deixava uma grande lanterna debaixo da rede, tinha muita coragem e enfrentava qualquer visagem, embora eu nunca tenha visto nenhuma. Ele ensinava orações de proteção para eu me defender dos pesadelos “*Sangue de Jesus tem poder!*”. Também ensinava canções de ninar, provérbios e muitas histórias, algumas engraçadas e outras de deixar qualquer um de cabelo em pé. Uma das minhas favoritas era a de João e Maria. Lembro que ficava apavorada quando chegava o momento em que ele dizia “*E a velha gulosa gritava: “água, meus netos!” e João e Maria respondiam: “azeite, minha vó!”; “água, meus netos!”; “azeite, minha vó!”; “água, meus netos!”; “azeite, minha avó!”*” Acho que vem daí minha predileção pelas histórias que provocam medo.

Papai trabalhava no comércio ao lado de casa, no entanto, estava sempre disponível para brincar conosco a qualquer hora do dia ou à noite. Ele me desafiava a falar três vezes

“jabuti”, sem falar “butija”, mas tinha que ser rápido e eu nunca conseguia, nem bem iniciava e papai dizia “*ih, já falou butija!*” E rindo continuava “*vai, fala três vezes jabuti, mas não pode falar butija*”.

A hora do banho era muito divertida, quer dizer, quando eu e meus irmãos íamos com o papai. Com a mamãe não chegava a ser engraçada. Nosso banheiro ficava no trapiche, era uma espécie de quarto com uma escada para o rio, no final dos degraus havia um quadrado assoalhado, mamãe nos dava banho nesse banheiro com a água do rio, descíamos até próximo às águas e ficávamos sentados nos degraus enquanto mamãe nos ensaboava e nos jogava água com uma cuia.

Entretanto, quando tomávamos banho com papai era tudo diferente, primeiro que não era no banheiro, era no rio. Descíamos por outra escada, na mesma ponte, e ficávamos sentados nos degraus próximos à água. Papai descia, entrava na água e começava a nos chamar, um de cada vez. Nós íamos mesmo sem saber nadar, tamanha era a confiança nele.

Papai ficava na água a um metro de distância da escada e me chamava, eu ia, mesmo com medo, enquanto ele ia se afastando. Quando eu percebia que ele se afastava, me debatia na água, começava a chorar e mergulhava, ele rapidamente me trazia à tona. Depois me colocava no degrau e me chamava novamente, eu não queria ir, tinha medo, mas ele ficava bem perto novamente e me convencia, então eu ia de novo e a cena se repetia, foi assim que entre mergulhos e pequenos afogamentos aprendi a nadar.

Havia um amigo de papai chamado Cisinando, era alto, forte, cabelos brancos, lábios grossos, perfeito representante da raça negra. Gostava de fumar um cachimbo e quando falava parecia um trovão. Papai costumava contar histórias do Cisinando e eu adorava ouvi-las. Colocarei duas aqui:

Cisinando ensina a caçar

Cisinando se gabava de ser um excelente caçador. Dizia que escolhia uma caça, segurava-a, colocava-a debaixo de uma árvore, enquanto ia até sua casa buscar uma corda para amarrar sua presa. E acreditem, a caça ficava quietinha esperando por ele.

Certo dia uma pessoa resolveu desafiá-lo dizendo que ia junto em uma caçada e que a caça deveria ser um veado. Cisinando riu e falou: “Tu não tens coragem!”, mas o homem confirmou que ia e o Cisinando avisou: “Está bem, mas tens que fazer tudo o que eu disser e terás a caça que escolheres”. Combinaram para o dia seguinte a caçada.

Cisinando chegou na hora marcada e levou o desafiante até a mata fechada. Chegando lá escolheu uma árvore, cavou um buraco lá perto, colocou na boca um punhado de pimenta malagueta, mastigou, mastigou, depois retirou da boca e jogou no buraco, tampou com um pouco de terra e colocou um laço sobre o local e deu o restante da corda para o homem segurar.

Tudo pronto, Cisinando avisou: “Olha, vão passar três veados, um de cada vez, tu só podes puxar a corda com o laço quando passar o terceiro veado, pois só esse é um animal de

verdade. Os outros dois chegarão, ficarão algum tempo parados com o pé no laço, mas tu não fazes nada, deixa eles passarem”. Falando isso, se afastou para ver se o homem realmente era corajoso.

Não demorou e passou o primeiro veado, era grande, olhos de fogo e parou perto da árvore. O homem começou a tremer, pois percebeu que aquilo não era um veado de verdade e sim alguma coisa pavorosa que o fitava. Depois ele foi embora e não mexeu com o homem.

Passado algum tempo apareceu o segundo veado, ele vinha gritando e soltando fogo pela boca, um forte cheiro de enxofre exalou pela mata. O homem não conseguiu se segurar, o medo era demais, e ele saiu correndo e gritando por Cisinando, nunca voltaria a caçar, nunca mais entraria sozinho na mata.

Cisinando começou a rir e disse: “Mas que medroso, nem esperou pela caça!”. E o homem não parava de tremer, chorando para voltar para casa. Nunca mais duvidaria daquele estranho caçador que sempre aparecia com a caça que lhe encomendavam. Nem quis saber como Cisinando fazia para caçar.

A pele dançarina

Certa vez, o Cisinando entrou em uma mercearia e visualizou umas peles de animais penduradas para venda. Antigamente era comum, nas cidades do interior, a venda desses couros em qualquer taberna. Cisinando olhou, olhou, e falou para o dono: “Eu sei fazer essas peles descerem daí e começarem a dançar”. O

dono da venda duvidou, ele não sabia do que o Cisinando era capaz.

Cisinando olhou novamente para o amontoado de couro e começou a rir, uma risada diferente, parece que estava mundiando um animal. E não é que depois de algum tempo uma pele saiu do monte e começou a se sacudir. O dono do estabelecimento se arrepiou todo e começou a gritar: “Saia, vá embora, e não entre mais aqui, saia, saia”. Cisinando ainda sorrindo, deixou a taberna, e a pele dançarina voltou ao seu lugar.

Os alunos

*Uma cobra enrodilhada.
Quem te desenrodilhou?
Bom desenrodilhador será.*

Minha entrada na escola como professora da rede pública estadual e municipal de Belém para atuar com turmas do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental coincidiu com meus estudos na Universidade do Estado do Pará, no curso de Formação de Professores. Assim, aproveitava o que aprendia sobre leitura e a sua importância para levar a meus alunos, além da minha experiência como ouvinte de histórias. Depois conheci o teatro em um curso de Iniciação Artística no Curro Velho, a partir daí a arte passou a me acompanhar mais de perto nas minhas aulas.

Sempre gostei muito de histórias, teatro, danças, cantigas de roda, tudo relacionado à arte, mas minha timidez me atrapalhava muito, por isso prometi que meus alunos não seriam tímidos, pelo menos eu iria contribuir para que não fossem. Fazia leitura de histórias para eles e depois fazíamos “performances”, era uma

maneira rápida de recontarmos a história em forma de teatro, aprendi isso com uma amiga que era atriz.

No começo era só risada e poucos alunos, só os mais extrovertidos é que aceitavam realizar as performances, mas eu insistia e aos poucos mais alunos concordavam em participar da atividade. Às vezes fazíamos até cinco vezes a mesma história, o meu objetivo era alcançar os mais tímidos, porém nunca forcei nenhum aluno, eles demoravam muito para começar a participar, mas depois que iniciavam eram os mais dedicados, liam com mais autonomia e prestavam atenção aos detalhes. Também foi possível melhorar a leitura dos alunos que falavam muito, gostavam de bagunçar, mas liam pouco. Aproveitava esses momentos para trabalhar a postura e a expressividade vocal deles. Além de me divertir com a turma, porque eram muito engraçadas as performances e a alegria gerada contribuía para desenvolver o amor pela palavra.

Tenho até hoje o “Visagens e assombrações”, do Walcyr Monteiro, que ganhei de um aluno. Ainda me emociono quando recordo o jeito que ele se aproximou timidamente e me entregou o livro. Ao abrir, percebi que algumas páginas estavam coladas e ele contou que salvou o livro de um incêndio, havia muitos livros queimados e molhados, ele pegou aquele livro ainda molhado, o secou com cuidado e o guardou para me entregar. Fiquei agradecida e feliz com a atitude do aluno, vi o grande amor que ele dedicava às letras e me tinha como referência de leitora.

Eu e meus alunos brincávamos de fazer teatro somente com o corpo e a voz, algumas vezes com mímicas, outras com fantoches de papel que eles mesmos confeccionavam na sala, pintavam e pregavam em pau de picolé ou de churrasco. Algumas peças foram apresentadas para o restante da escola como: “*A moura torta*”, do livro “*As aventuras de Pedrinho*”, de Monteiro Lobato; “*O caso da boneca negra*”, de José Artheiro; “*A história do rei Salomão e as duas mulheres*”, da Bíblia; “*A moça do táxi*”, de Walcyr Monteiro; “*Os sete corvos*”, dos Irmãos Grimm; “*Bruxinha e as maldades da Sorumbática*”, de Eva Furnari; e outras, mas a maioria das performances ficava só para nós, na sala de aula.

Com meus alunos, nem lembrava que era tímida, lia e contava histórias com a maior desenvoltura, pois concordo plenamente com Machado (2004, p. 78) ao expressar que “ler não é melhor do que contar “de boca”, como dizem as crianças. Contar de boca não é melhor do que ler. [...] Na escola é conveniente alterar essas duas situações de ler e contar para ampliar as possibilidades de escuta e aprendizado dos alunos”.

Os professores de arte das escolas em que trabalhei sempre colaboraram com minhas ideias, eram extremamente criativos, eu imaginava figurinos e/ou cenários e eles faziam ainda melhor. Com isso aprendi muitas técnicas de produção de objetos/recursos para o teatro usando material alternativo. Um dia pedi a um professor que fizesse os personagens da história “*Os sete corvos*”, pensei que ficariam bons desenhados em papel cartão para serem colados

em pau de picolé. Qual foi minha surpresa quando o professor me apresentou sete corvos com as asinhas abertas, feitos delicadamente com EVA preto e com efeito de 3 D, foi o maior sucesso na nossa sala.

Certa vez, também com o objetivo de incentivar meus alunos na leitura, falei que poderíamos ler os livros em capítulos como as novelas da televisão, assim cada dia eu lia por quinze minutos um livro, depois parava, sempre em uma parte muito boa, marcava a página e no outro dia continuava e assim íamos até terminar o livro. No começo os alunos não queriam, achavam chato e demorado completar quinze minutos. Mas nunca desisti. Com o tempo eles começaram a se acostumar e depois a maioria já esperava o momento da leitura.

Quando estávamos lendo “*O mágico de Oz*”, de Lyman Frank Baum, e já tínhamos passado da metade do livro, aconteceu de eu comentar com uma amiga, que era professora de teatro, sobre esses quinze minutos de leitura diária na minha turma. Ela imediatamente me pediu o livro emprestado, pois estava justamente procurando um texto para montar a peça com seus alunos, eles eram da mesma faixa etária que os meus. Eu neguei, não poderia interromper a leitura, falei que emprestava assim que terminasse o livro, mas ela insistiu, tinha pressa, precisava montar a peça, dividir o texto entre os alunos, providenciar figurino, montar cenário, ensaiar..., e mais, prometeu que faria uma sessão extra para meus alunos assim que a peça estresse.

Diante dos argumentos usados por minha amiga, falei que emprestaria o livro e no outro dia contei a novidade para meus alunos. Eles queriam saber o que era teatro, nunca tinham visto uma peça, e ficaram maravilhados com a possibilidade desse passeio, apenas alguns ainda reclamaram, perguntaram se ia demorar muito, pois queriam saber o final da história. Depois de alguns dias, minha amiga devolveu o livro e ficou de avisar quando a peça ficasse pronta.

Falei com a diretora, conseguimos ônibus e a nossa turma foi pela primeira vez a um teatro, e em uma sessão exclusiva para eles, os olhinhos atentos, conheciam a história, silêncio, risos, e no final, puderam ir aos bastidores conhecer os atores, pegaram autógrafos, eu e minha amiga nos abraçamos, foi um momento de muita alegria e aprendizagem. O ocorrido virou conversa por muito tempo.

E depois de quinze anos como professora, busquei formação em educação especial e inclusiva com ênfase em deficiência visual. Hoje, tenho alunos com cegueira e com baixa visão, continuo lendo e contando histórias para eles e para quem quiser ouvir. Eles também me contam histórias, é “o poder da escuta, o trabalho de autoria que se dá na recepção de uma narrativa” (GIRARDELLO, 2012, p. 56), quem ouve histórias sente vontade de contar também.

Descobri que muitas pessoas com deficiência visual não conhecem os contos de fadas e nem as lendas amazônicas, pois dificilmente encontram livros adaptados para

lerem. Elas utilizam audiolivros e leitores de tela⁵ para realizar a leitura auditiva. Não perdi tempo e fui atrás de cursos para aprender a acessibilizar textos literários e as ilustrações que os acompanham. Pesquisei sobre acessibilidade literária no Mestrado em Educação que fiz na UEPA, cujo tema da dissertação foi “Lamparina para cegos: literatura acessível na Amazônia⁶”.

Agora, desenvolvo atividades de leitura e adaptação de livros para pessoas com deficiência visual, ampliando as letras para aqueles com baixa visão; escrita Braille e livro falado⁷ para as pessoas com cegueira; e áudio-descrição⁸ para ambos os grupos, pois as ilustrações audiodescritas contribuem para a interpretação das histórias e podem ajudar na produção de textos.

Tive a oportunidade de produzir um livro falado com o próprio autor, Daniel Leite e juntos fomos os leitores⁹ da obra “*A história das crianças que plantaram um rio*”, narrativa amazônica repleta de poesia que mostra a harmonia de uma relação entre avó e neto em um tempo psicológico, ensina que “saudade é um jeito de se fechar os olhos e andar dentro da gente” (LEITE, 2013, p. 15).

Contribuo ainda como formadora no projeto Lamparina Acesa Literatura Acessível,

⁵ Programas em computadores e outros similares que convertem textos escritos em textos em áudio.

⁶ Dissertação disponível: http://ccse.uepa.br/mestradoeducacao/wp-content/uploads/dissertacoes/10/joana_celia_do_socorro_gomes_de_andrade_martins.pdf

⁷ É a gravação da leitura, na íntegra, de um livro convencional em tinta, para serem lidos/ouvidos por pessoas que por algum motivo não podem ou têm dificuldade para ler, pessoas com deficiência visual, disléxicas e outras.

⁸ Tecnologia assistiva para acessibilizar imagens.

⁹ Aqueles que leem para pessoas com deficiência visual.

do núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA), que oportuniza professores e alunos ao conhecimento e possível atuação na área da deficiência visual. O projeto referido disponibiliza palestras e oficinas voltadas para a acessibilidade literária.

Os contadores

E quando abriu a barriga da cobra, o que tinha lá dentro? O filho do compadre sentado no banquinho comendo banana com farinha!

O meu ingresso no grupo de contadores de histórias *Ayvu Rapyta*¹⁰ contribuiu e muito para eu diminuir uma das coisas que mais me incomodava: minha timidez. Ela se fez presente logo nos primeiros encontros de estudos e ensaios, e mais ainda quando precisei me apresentar com o grupo em eventos literários. Tremia e suave, enquanto aguardava minha vez de entrar. Muito diferente da minha espontaneidade com meus alunos, agora dava um frio na barriga na hora de contar, minha voz quase que sumia diante dos ouvintes.

Nas reuniões para avaliar o trabalho do grupo, era comum alguém comentar sobre minha voz ser baixa demais e minhas histórias muito longas. Eu que nunca havia medido o tamanho das histórias que contava para meus alunos, se eram curtas ou longas, eu nunca sabia, pois cada história tinha o tamanho ideal. Ouvia os comentários e refletia, depois compreendi o motivo da preocupação, era por

¹⁰ Palavra indígena que significa som, palavra habitada. Maiores informações do grupo no canal do Youtube e no Facebook: [ayvurapyta.contadoreshistorias](https://www.facebook.com/ayvurapyta.contadoreshistorias)

causa do público que iria ouvir, muitas pessoas não estavam acostumadas à escuta e as histórias longas acabavam por distraí-los. No entanto, mesmo enfrentando esse problema no período de adaptação ao grupo, em nenhum momento pensei em desistir, gostava de contar histórias e do grupo, prometi para mim que iria aprender histórias curtas e falar mais alto.

Alguns integrantes do grupo, ao perceberem minha insegurança, procuraram me auxiliar com atenção e oferecimento de histórias para eu compor meu repertório e ainda me indicaram livros sobre a arte de contar histórias. Com o tempo, me acostumei com o jeito de cada contador do grupo e foi diminuindo o medo de me apresentar em público.

Contávamos histórias em escolas, bibliotecas, feiras literárias e em muitos outros lugares. Tínhamos momentos de estudo sobre a arte de contar de histórias e de trocas de livros e textos contendo histórias e poemas para ampliar nosso repertório. Com o grupo pude descobrir técnicas para memorizar e narrar histórias, preparar roteiros, exercícios de voz, e outros. Compreendi que o contador de histórias precisa ler muito e sempre, tanto para conhecer as histórias e formar seu repertório, quanto para aprender sobre a arte de contar.

Um dos locais favoritos do grupo Ayvu Rapyta para as reuniões de encantamento e planejamento é o bosque Rodrigues Alves, espaço de natureza em meio aos prédios e asfalto da cidade de Belém. O contato com o chão úmido nos corredores entre o verde das folhagens em árvores gigantes, ladeadas por

outras menores e até rasteiras... uma cutia aqui, um macaco acolá, peixe-boi, arara, marreco, tartaruga... o Mapinguari, o lago da Iara, os casquinhos (canoas) nas águas calmas, o trinar dos pássaros, a chuva fina, tudo em harmonia para saudar os contadores de histórias.

Dez anos de existência do grupo Ayvu Rapyta, dez anos contando histórias e brincando com os adultos e crianças que emprestam seus ouvidos para nossas vozes. Olhinhos atentos, concentração, o corpo vibra com as histórias e poemas recitados pelos contadores. Lembro-me de uma vez em que havíamos terminado uma apresentação do grupo em uma escola quando a coordenadora se aproximou e com a voz firme disse: *“é verdade mesmo que o tajá¹¹ se transforma em um casal de namorados? Na casa da minha irmã, em Mosqueiro¹², é a planta que protege a casa de ladrões”*. Ela se referia à lenda do Tamba-tajá¹³ que havíamos contado.

Ainda hoje estudo e fico tensa antes de me apresentar com o grupo, mas seguro firme no ganzá¹⁴, ele me dá a força que preciso. Aprendi que são as histórias que escolhem o contador e as histórias que memorizamos mais rápido são aquelas que chegam aos nossos ouvidos pela voz, pois as histórias lidas levam um tempo maior para que sejam internalizadas.

¹¹ Tamba-tajá é uma planta de folhas triangulares, de cor verde escura, trazendo em seu verso outra folha de tamanho reduzido, cujo formato se assemelha ao órgão genital feminino.

¹² Mosqueiro é uma ilha com muitas praias de água doce, fica próximo de Belém, no Pará.

¹³ A lenda do Tamba-tajá está disponível no sítio: <http://www.cdpara.pa.gov.br/tamba.php>

¹⁴ O ganzá é uma espécie de chocalho que os integrantes do grupo Ayvu Rapyta utilizam como instrumento de percussão durante as apresentações.

O trabalho desenvolvido pelo grupo como as “rodas de histórias”, “rodas de conversa com Ayvu Rapyta”, “fios das histórias” e a “websérie Vozes Literárias do Pará” nos oportunizou a aproximação com outros contadores de histórias e com os escritores paraenses de outras localidades. O companheirismo entre os integrantes do Ayvu Rapyta é revelado nos pequenos gestos, na troca de histórias, na seleção das músicas que intercalam os textos, no sacudir do ganzá, no sorriso espontâneo e na admiração pelo outro.

A arte de contar histórias é diferente de contar histórias. Somos todos contadores em potencial, podemos contar uma história e encantar os ouvintes, mas existe uma arte com roteiro, exercícios de memorização, expressividade vocal, ritmo e outras técnicas que podem ser aprendidas para melhorar a atuação de um contador. A arte de contar histórias, segundo a contadora Regina Machado¹⁵, “é um plano de elaboração, que tem a ver com um caminho de pesquisa, tem a ver com o modo que eu aprendo de escutar, o modo como eu estou contando, pode ser aprendida, requer planejamento, tem técnica, tem exercício, tem aprendizagem”.

Em meu caminhar pude dialogar com muitas vozes sobre a arte de contar histórias, algumas passaram rapidamente, outras me acompanham até hoje, todas contribuíram para a minha formação. Cito algumas aqui: Regina Machado, no livro “*Acordais: fundamentos*

teórico-poéticos da arte de contar histórias”; Celso Sisto, na obra “*Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*”; Cléo Bussato, em “*Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa*”; e Gislayne Matos e Inno Sorsy, no livro “*O ofício do contador de histórias*”.

E não poderiam ficar de fora alguns grupos de contadores paraenses como o Griot, Cirandeiros da Palavra, Xamã, os contadores do Ayvu Rapyta (Gilvanete Situba, Sônia Situba, Paulo Demétrio, Eduardo Souza e Clóvis Martins) e outros tantos contadores que irradiam o amor pela doação da palavra em todas as suas formas, Maiolina Neves, Heliana Barriga, Juraci Siqueira, Ana Selma Cunha, Joana Chagas, Janete Borges... e muitos não citados, mas que igualmente contribuíram com o meu ser.

As histórias têm o poder de encantar e não precisam ser explicadas, e nem trazer lições de moral, porque toda história “revela a cada pessoa, no seu momento e no seu contexto, uma experiência particular de entendimento” (MACHADO, 2004, p, 60). É por essa razão que várias pessoas ouvem a mesma história, entretanto cada um vai ter uma compreensão, cada um vai receber o seu alento, pois “as histórias são bálsamos medicinais. [...] Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção” (ESTÉS, 1994: 30).

Ao serem ouvidas, as histórias penetram no corpo das pessoas e ficam guardadinhas em seus corações para que delas possam fazer uso quando quiserem e/ou precisarem. A esse

¹⁵ Trecho de uma palestra proferida por Regina Machado em um Encontro do Espaço de Leitura no Parque da Água Branca, em 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=djmjgO62trQ>

respeito, revela o contador Daniel Munduruku (2005, p. 7), as “histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com a areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram”.

Um posto de vista semelhante observamos em Sisto (2007, p. 7) “Às vezes, numa história que sabemos vinda de longe, com nomes de personagens diferentes, com outro jeito de contar, com episódios nunca antes imaginados, há, na sua essência, alguma coisa que nos é familiar”. Por isso, que dizem que o contador de histórias conta um conto e aumenta um ponto. As histórias têm fios que se entrelaçam para formar intertextos, as vozes dos contadores, a teia de Anansi, o guardião das histórias.

Referências

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo mulher selvagem.** Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GIRARDELLO, Gilka. Na clareira do presente: o diálogo narrativo entre as gerações. *In*: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (orgs.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares.** São Paulo: Cortez, 2012. (41-57)

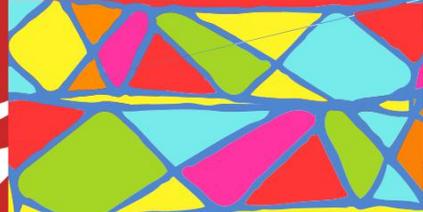
LEITE, Daniel da Rocha. **A história das crianças que plantaram um rio.** Belém: Ponto Press, 2013.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória.** São Paulo: Editora Studio Nobel, 2005.

SISTO, Celso. **Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos.** São Paulo: Paulus, 2007.

Joana Martins é mestra em Educação, do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação (UEPA, 2016), na linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia; integrante do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), vinculado a UEPA, atuando no projeto Lamparina Acesa: Literatura Acessível. Possui Pós Graduação em Educação Especial e Inclusiva (FAEL, 2012); em Língua Portuguesa: uma abordagem textual (UFPA, 2006); em Alfabetização Infantil (UEPA, 1999), Graduação em Formação de Professores - Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (1996). Tem experiência na área da Educação Inclusiva, com ênfase em Deficiência Visual. É contadora de histórias, membro do grupo Ayvu Rapyta de contadores de histórias, desde 2008.



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

GEOTALES: NARRANDO AS HISTÓRIAS PETRIFICADAS PELA TERRA

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano

Resumo

Este relato abarca as origens, o nascimento e as vivências do GeoTales, grupo da UNIRIO que tem como objetivo divulgar as Geociências por meio de performances baseadas na narração de histórias em prosa e verso, possibilitando uma vivência dos conteúdos científicos por meio das Artes. Estando associado a diversos projetos de extensão, pesquisa e ensino, o escopo dos temas abordados pelo GeoTales também inclui a valorização das culturas indígena e afro-brasileira e o empoderamento feminino, destacando que a integração das Artes com as Geociências também visa aprofundar a reflexão sobre as relações do “eu” com o outro e com o planeta Terra, a fim de promover a conservação do Patrimônio Natural e Cultural de forma integrada.

Palavras-chave: Geopoética. Geomitologia. Paleontologia Cultural.

Abstract

This report covers the origins and experiences of GeoTales, a group of UNIRIO that aims to disseminate Geosciences through performances based on storytelling and poetry, enabling an experience of scientific contents through the Arts. Being associated with several projects, the scope of the topics addressed by GeoTales also

oportunidade de encontrar e coletar fósseis de conchas pela primeira vez, que representaram a materialização da minha paixão por conchas e rochas, pois desde criança esses elementos me atraíam e faziam parte da coleção que fui obtendo pelas praias e florestas da cidade do Rio de Janeiro. Foram as conchas fossilizadas que me levaram até o encontro que inspirou a criação do GeoTales também, como veremos a seguir, justamente por causa desse primeiro desenho, que foi o começo da minha monografia sobre os fósseis devonianos do Estado do Pará (Ponciano, 2006, 2011).

Inicialmente mais como artista, estes encontros entre as Artes e as Geociências foram sendo desenvolvidos por meio da produção de materiais (como desenhos, pinturas e esculturas) para as exposições do Museu Nacional (Rio de Janeiro) e para algumas publicações, como o livro *Pterossauros - Os senhores do céu do Brasil* (Kellner, 2006). Enquanto isso, continuei minha formação na Paleontologia por meio do mestrado e doutorado em Geologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2007 a 2013), conectando a realização da pesquisa científica sobre os fósseis do Norte e Nordeste do Brasil com a divulgação das informações obtidas por meio da participação em todas as etapas que envolvem a elaboração e montagem de exposições, já como paleontóloga e paleoartista.

Após o início da docência na UNIRIO, em fevereiro de 2013, comecei a ampliação da pesquisa sobre outras possibilidades de transformação das formas tradicionais de

divulgação e ensino das Geociências por meio das Artes, além da Paleoarte. Foi nessa busca que no período de 25 de agosto a 02 de setembro de 2013, ao participar do evento XVII Encontro Internacional do IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense) / VII Campus Flutuante da Universidade Federal do Pará (UFPA): *Navegando entre o Rio e a Floresta com vistas à Biodiversidade, Cultura e Sustentabilidade*, congresso embarcado a bordo do *Catamarã Rondônia* que navegou pelo Rio Amazonas até os municípios de Almeirim, Prainha e Monte Alegre (Estado do Pará), que nasceu a ideia de criar novos projetos na UNIRIO, ao assistir as apresentações culturais e acadêmicas sobre a Cobra Grande e o Mapinguari, entre outras lendas da Amazônia.

Tendo sido convidada originalmente pelo Prof. Dr. Vladimir de Araújo Távora (UFPA) para ministrar palestras e oficinas sobre os fósseis e o Patrimônio Geológico da Amazônia, assim como estratégias de Geoconservação e propostas de Geoturismo para a região (Fig. 2), os momentos que considerei como os mais marcantes do evento foram as performances do grupo Griot, coordenado pela Prof. Dra. Renilda Bastos (UEPA), que possibilitaram a descoberta da correlação das narrativas sobre a Cobra Grande com a Geologia, dado que quando a cobra se move faz a terra tremer (terremotos) e com a Paleontologia, na história do Mapinguari (por causa das características morfológicas das preguiças gigantes, associadas a este monstro).



Figura 2 – Apresentação da palestra “Geoturismo como meio de popularização das Ciências da Terra” no XVII Encontro Internacional do IFNOPAP, em 2013.

Foi partir deste contato com as performances do Griot e as outras apresentações acadêmicas e artísticas sobre as narrativas orais no IFNOPAP (Figs. 3 e 4) que eu me abri para que a poesia, os mitos, a dança, a pintura corporal e outras formas de Arte voltassem para a minha vida, depois do longo período de oito anos concentrados apenas no final da graduação, mestrado e doutorado, quando as Artes ficaram restritas apenas às exposições de Paleontologia e meu lado puramente paleontóloga foi gradativamente ficando cada vez mais predominante, soterrando a artista (Luiza Corrales, nome que uso para assinar as produções artísticas) em camadas cada vez mais profundas.



Figura 3 – Registro da mesa redonda “Caminhos da Oralidade: Por onde andamos?”, com a Prof. Dra. Renilda Bastos, Prof. Dra. Socorro Simões e a Prof. Dra. Josebel Akel Fares no XVII Encontro Internacional do IFNOPAP, em 2013.

Por isso que neste momento entram em cena as outras mães do GeoTales, a Prof. Dra. Renilda Bastos (UEPA, coordenadora do Griot, grupo que conta histórias e pesquisa a formação contadores de histórias e de leitores) e a Prof. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões (UFPA, coordenadora do IFNOPAP, evento no qual as águas da fertilidade realizaram a fecundação e o nascimento do GeoTales) (Fig.4). Em entrevista realizada por Santana (2015), a Prof. Dra. Renilda Bastos ressaltou que quem iniciou o movimento de contadores de histórias em Belém nas instituições de ensino superior foi a Prof. Dra. Socorro Simões, na época coordenadora do projeto Contadores Itinerantes da UFPA, que foi a inspiração para a criação do Griot, na UEPA.



Figura 4 – Registro da performance do boto pelo Prof. Dr. Éder Jastes no XVII IFNOPAP, em 2013, acompanhada pela música de Iva Rothe, Dadadá Castro e Nêgo Nelson, em mais um dos momentos marcantes para a criação do GeoTales.

Outras pessoas embarcadas nesse evento maravilhoso que é o IFNOPAP também foram muito importantes para a concepção deste novo grupo de narração de histórias na UNIRIO, sendo aqui destacados o pai do GeoTales, o Prof. Dr. Éder Robson Mendes Jastes (UFPA), bailarino, ator e performer que encanta todas as mulheres como o boto (Fig.4) nas apresentações culturais do IFNOPAP e as madrinhas do GeoTales - a Prof. Dra. Josebel

Akel Fares (UEPA), e a Profa. Janete da Silva Borges, mestre em Letras (UFPA).

A história da criação do GeoTales continua em 2014, em uma viagem de 10 dias pelos rios da Amazônia no Navio Amazon Star, durante o XVIII Encontro Internacional do IFNOPAP / VIII Campus Flutuante da Universidade Federal do Pará (UFPA): De volta ao Trombetas com vistas à Biodiversidade e à Cultura - "sob as bênçãos de Santo Antônio", que aportou em Santarém e Oriximiná, evento no período de 31 de julho a 09 de agosto. Neste segundo ano comecei a estudar o significado dos símbolos das pinturas indígenas com o material que tinha disponível no navio, e acabei pintando meus braços e mais diversas outras pessoas que estavam no evento, participando da criação da performance da matinta perera por meio da pintura corporal das asas de uma ave nas costas e pernas do Prof. Dr. Éder Jastes, em jenipapo (Fig. 5), além de continuar com as palestras e oficinas sobre as Geociências.



Figura 5 – Registro da preparação das performances da matinta perera (pintura corporal em jenipapo por LCMOP) e do boto, ambas pelo Prof. Dr. Éder Jastes no XVIII IFNOPAP, em 2014.

Na oficina “A grande história da Amazônia: O mar antes da floresta”, nas escolas atendidas pelo IFNOPAP de 2014,

foram apresentados alguns exemplos de sítios paleontológicos que são o registro de depósitos marinhos formados no interior do nosso país. Há milhões de anos, especialmente durante o período chamado Devoniano, o nível do mar estava mais alto que o atual, e grande parte do nosso território foi inundado por mares rasos que ocupavam principalmente as regiões Norte, Nordeste e Sul do Brasil. A acumulação de sedimentos (como areia, lama, cascalho,...) e restos de organismos (como conchas, espinhos de peixes,...) nestes locais permitiu a preservação de invertebrados marinhos, peixes, algas e outros organismos nas rochas de regiões que atualmente são muito diferentes de um mar, como a floresta amazônica, o sertão nordestino e os campos do sul do Brasil. Estes locais, conhecidos como afloramentos fossilíferos, estão localizados ao norte e ao sul do curso do Rio Amazonas, em especial no Estado do Pará.

Por meio do estudo dos fósseis coletados na Amazônia podemos fazer uma grande viagem, voltando a um passado muito distante a fim de entender como todas as alterações que já ocorreram nesta região influenciaram a composição da biodiversidade atual da floresta amazônica. Já a palestra (Patrimônio Geológico da Amazônia) foi baseada em um trecho da Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra: “O passado da Terra não é menos importante que o passado dos seres humanos. Chegou o tempo de aprendermos a protegê-lo e protegendo-o aprenderemos a conhecer o passado da Terra, esse livro escrito antes do nosso advento e que é o Patrimônio

Geológico”. Neste contexto, começaram a ser criadas algumas histórias para divulgar a importância das Geociências, que foram apresentadas ainda num formato mais tradicional de aula e palestra (Fig. 6).



Figura 6 – Apresentação de palestra sobre o Patrimônio Geológico da Amazônia no IFNOPAP de 2014.

Já em 2015, foi a vez da família paraense do GeoTales ir ao Rio de Janeiro para participar de um evento que organizamos na UNIRIO, o GEOEDUCA (I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOCIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA), no período de 03 a 07 de março de 2015. Neste evento a Prof. Dra. Renilda Bastos (UEPA) apresentou uma palestra (Diálogos entre as Geociências e os contadores de histórias: como narrar um conto), foi realizada uma mesa redonda (Geociências e os Mitos: Era uma vez na História da Terra – Fig. 7) e uma oficina (Mitos de origem no caleidoscópio amazônico: interfaces das Geociências com os saberes tradicionais), as duas últimas com os convidados Profa. Dra. Renilda Bastos (UEPA), Prof. Dr. Éder Jastes (UFPA) e Prof. Dr. Vladimir Távora (UFPA).



Fig. 7 – Mesa redonda na UNIRIO, com a participação dos professores que participaram do nascimento do GeoTales durante os eventos do IFNOPAP.

Este evento promoveu um espaço de discussão, reflexão e troca de experiências e investigações entre professores de diferentes disciplinas, educadores e pesquisadores da Educação Básica sobre o ensino, a aprendizagem e a difusão das Geociências, visando uma análise de metodologias, inovações, iniciativas e tendências de abordagem das Geociências nos diferentes níveis da Educação Básica. Na abertura do GEOEDUCA foi realizada uma apresentação de Carimbó, demonstrando como os elementos da Natureza estão presentes tanto nas letras como nos movimentos desta dança (Fig. 8).



Fig. 8 – Apresentação de Carimbó na abertura do GEOEDUCA e visita ao Pão de Açúcar, culminando a história da geração do GeoTales pelo trio que representa o núcleo central da família paraense associada com a criação deste projeto na UNIRIO.

O NASCIMENTO DO GEOTALES

No dia 16 de agosto de 2015 o GeoTales finalmente nasce como um grupo de divulgação científica que atua por meio de performances

artísticas, estando associado a projetos de extensão, pesquisa e ensino da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A primeira apresentação foi uma palestra com narração de histórias (A Geologia e a Paleontologia nas Artes: formas alternativas de divulgação e ensino), no auditório do Museu Nacional, no Rio de Janeiro (Fig. 9).



Figura 9 – Primeira apresentação do GeoTales, no Museu Nacional.

Desde então já foram atendidas de forma presencial 4.837 pessoas nos estados do Rio de Janeiro e do Pará, abrangendo uma faixa etária de 02 a mais de 80 anos, em museus (Museu de Ciências da Terra, Museu da Geodiversidade e Museu Nacional), creches, escolas, universidades e outros espaços de ensino formal e não formal, públicos e privados (Fig. 10).



Figura 10 – Logotipo criado para o grupo GeoTales UNIRIO.

Em 2016 o GeoTales viajou para participar do IFNOPAP que aconteceu em Belém e Mosqueiro nos dias 05 a 09 de dezembro, realizando a estreia ifnopapiana do grupo na Escola Professor Manuel Leite com uma apresentação artística (GeoTales – as

geociências nas poéticas orais), uma Palestra (Geomitologia: Era uma vez... na história da Terra) e uma oficina Paleontologia Cultural: uma análise sobre monstros e fósseis da Amazônia – O Mapinguari. Todas as atividades foram realizadas em conjunto com duas discentes bolsistas de extensão da UNIRIO pelo GeoTales, Lilaz Santos e Maria Luiza Lopes, do curso de Ciências Biológicas da UNIRIO.

Parte do material produzido pelo GeoTales, além de artigos e livros digitais, é disponibilizado por meio do Instagram (@geotales, @projetomulheresdaterra, @geo_orunaoaiye, @luasdeashanti), um site (<http://geotalesunirio.wixsite.com/geotales>), página do Facebook (GeoTales UNIRIO) e canal do Youtube (GeoTales UNIRIO), a fim de ampliar o acesso aos materiais produzidos pelo grupo. A equipe do GeoTales é composta por professoras de Geologia, Paleontologia, Literatura e Artes Cênicas, associadas com discentes dos cursos de graduação (Artes Cênicas, Ciências Biológicas, Ciências Ambientais e Museologia) e pós-graduação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação da Natureza) da UNIRIO (Fig. 11), realizando diversos projetos focados na divulgação da História da Terra.

As discentes da UNIRIO que compõe atualmente o GeoTales são Lilaz Beatriz Monteiro Santos, Maria Luiza Lopes, Júlia Mayer de Araujo, Thalyta de Sousa Angelici e Lia Fernandes Peixinho. Discentes que já fizeram parte do grupo nos anos de 2016 e 2017 foram Giselle Ferreira Paes Leme, Filipe Teixeira, Gabriel Mação, Daniela Bentes

Mello, Débora Pires, Izabella Sadler, Beatriz Marinho, Letícia Santos e Priscila Almeida.



Figura 11 – Equipe do GeoTales em 2016, na primeira apresentação no Museu de Ciências da Terra – MCTer / Urca / Rio de Janeiro.

As apresentações do GeoTales são compostas por até quatro momentos distintos, especialmente nos setores educativos de museus e escolas: no início, é realizada uma performance poética sobre as histórias em prosa e verso, a fim de despertar o interesse e encantamento do público pelo assunto. De acordo com a faixa etária, as narrativas podem ser complementadas por efeitos sonoros, fósseis (originais e réplicas), minerais, rochas, e alguns adereços para auxiliar o processo de imersão nas histórias. Esta etapa visa atingir o principal objetivo do GeoTales, que é a divulgação da Geologia e Paleontologia por meio das Artes.

No segundo momento são realizadas as atividades práticas, por meio da aplicação de jogos educativos criados pelo próprio grupo e outras atividades como simulações corporais, cantos e danças, a fim de trabalhar o conteúdo científico apresentado nas performances de formas complementares. No final destas atividades as histórias são reformuladas de

várias formas, geralmente a partir de pequenos trechos dispostos no verso das peças dos jogos (Batalha de Poemas, Paleotwister, Memória da Terra – jogo da memória, GeoDominó, PaleoJenga, Pulando os Repentes da Terra - amarelinha, Supergeotrunko poético – jogo de cartas, Geocaça-palavras e Paleopalavras - cruzadas,) ou nos outros materiais utilizados como exposição (as instalações geopoéticas – Fig. 12). Todos estes jogos, incluindo as suas ilustrações, são criados pela própria equipe do GeoTales, por meio do reaproveitamento de materiais diversos.



Figura 12 - Instalações geopoéticas elaboradas pelo GeoTales.

O terceiro momento das apresentações é um debate sobre as correlações entre os conceitos de Geociências e as histórias trabalhadas pelo grupo, para estimular a assimilação dos conceitos científicos que foram apresentados ao longo das duas etapas iniciais da atividade, destacando outro objetivo do grupo, que é o desenvolvimento de novas metodologias para o ensino das Geociências. A última etapa, que geralmente é realizada em apresentações em eventos para público adulto, são palestras e oficinas com maior conteúdo científico (Fig. 13).



Figura 13 – Equipe do GeoTales em 2018, em uma oficina na UNIRIO e no MCTer.

O tempo de duração das apresentações do GeoTales (assim como a quantidade de etapas realizadas em cada local) varia de 05 minutos a 02 horas, de acordo com a disponibilidade e solicitações de tópicos com conteúdo específico, oriundas de demandas dos professores das instituições atendidas.

As histórias em prosa e verso utilizadas como base para a criação das performances são unidas numa coletânea denominada repertório geopoético, criado a partir de um levantamento de mitos de diversas origens (especialmente indígenas e afro-brasileiros) e poemas na língua portuguesa (de autores brasileiros, africanos e portugueses) e inglesa, que apresentam diversas possibilidades de correlação dos seus temas com conceitos associados com as Geociências. Destaca-se que as histórias e os poemas são parcialmente modificados para o uso nas performances geopoéticas, usualmente pela inclusão de mais conteúdo científico e diminuição do seu tamanho original, a fim de destacar as partes que podem ser mais diretamente correlacionadas com as Geociências.

Além desta coletânea, também são constantemente elaboradas exposições, as “instalações geopoéticas”, para serem

associadas com as performances realizadas pelo GeoTales, compondo os cenários e produtos de divulgação. Os principais materiais elaborados nos últimos dois anos são os “Conselhos geopoéticos” (frases compostas por conselhos baseados em conceitos das Geociências), o “Varal da higiene mental” (poemas escritos em rolos de papel higiênico, instalados nos banheiros e outros espaços alternativos), o “Varal de remédios para a alma” (poesias distribuídas dentro de caixas de remédio, visando destacar que a poesia também pode curar as pessoas), a “Chuva de poesia” (trechos de poemas escritos em gotas transparentes, penduradas dentro de guarda-chuvas), os “Poemas (in)orgânicos” (partes de poemas escritos em folhas secas, rochas e minerais), os “Origamis paleontológicos” (origamis baseados em fósseis), as “Flores geopoéticas” (garrafas pet que são transformadas em flores e rolos de plástico onde são escritos trechos de poemas), o varal “A poesia está no ar” (balões de látex com frases e desenhos dos conselhos geopoéticos), os Cubos de palavras infinitas (cubos com palavras dos poemas que formam diversas combinações de frases), o varal “Reconstruindo o GeoTales” (moldes dos personagens do GeoTales em papelão e placas de acetato - transparências e chapas de raios-x reutilizadas -, distribuídas durante as apresentações para que o público escreva suas impressões sobre as histórias) e as “Pílulas de poesia” (partes de poemas impressos em pequenos pedaços de papel que são distribuídos enrolados, dentro de cápsulas).

ABRINDO AS ASAS DO GEOTALES

Em 2018, o foco do GeoTales é o projeto GEOMITOLOGIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, que tem como objetivo coletar e recriar histórias em prosa e verso que estejam relacionadas com as montanhas, rochas e paisagens mais excepcionais do Rio de Janeiro, devido aos seus valores científico, didático, estético, cultural, turístico e histórico. Até o momento, está enfocando o “Gigante adormecido da Baía de Guanabara”, formado pelo conjunto de montanhas da Pedra da Gávea, Corcovado e o Morro do Pão de Açúcar; e a “Pedra da onça”, que conta a história indígena de um gato-Maracajá que esperou por sua dona por tanto tempo que acabou ficando petrificado em cima de uma rocha, na Ilha do Governador.

Os estudos que correlacionam as Geociências com os mitos foram agrupados sob o termo Geomitologia, proposto pela geóloga Dorothy Vitaliano em 1968 para os mitos que explicam, por meio do imaginário e de metáforas poéticas, a ocorrência de eventos geológicos, como os terremotos. A abrangência desses mitos se estende ainda à origem dos fósseis e de outros elementos da geodiversidade (minerais, rochas, solos e diversos depósitos que são o suporte da vida na Terra), mas apesar disso a Geomitologia ainda é uma área muito pouco estudada no Brasil.

Com base nessas experiências, que demonstraram o amplo potencial da Geomitologia como forma alternativa de divulgação científica, foram criados diversos projetos novos na UNIRIO (citados abaixo) a

partir de novas parcerias, diversificando os tipos de locais, o público e as expressões artísticas utilizadas como formas alternativas de realizar a divulgação da História da Terra. De uma forma mais específica, o termo Paleontologia Cultural destaca as apropriações culturais dos fósseis por diversos povos, sendo esta uma área da Zoologia Cultural focada nos diversos produtos (materiais ou imateriais) resultantes da interação antrópica com os fósseis. Portanto, Paleontologia Cultural também é uma nova área, que estuda a presença de fósseis nas diferentes manifestações da Cultura.

Outra área que foi descoberta neste processo foi a Geopoética em sua vertente mais abrangente, associada não apenas a representações literárias das paisagens naturais e culturais ou na forma em que aparece em outros trabalhos associados com a Geografia, mas inclui de forma predominante a Geologia e a Paleontologia, ou seja, as Geociências de um modo geral dentro da Geopoética. Este sentido “geológico” da Geopoética está de acordo com a linha de pensamento desenvolvida por Kenneth White, que em 1979 associou este termo com as diversas formas de relação dos seres humanos com o planeta Terra. A Geopoética torna-se ainda mais interessante no contexto atual por oferecer um terreno de encontros e estímulos recíprocos entre as Geociências, Poesia, Artes, Filosofia, Biologia, Ecologia, Oceanografia, Física, Química e outras disciplinas diversas, desde o momento em que as pessoas que trabalham com estas áreas estejam prontas para saírem dos seus

espaços isolados e se encontrarem em ambientes inusitados, onde a busca por novas correlações e pontos de contato das Artes com a Ciência seja amplificada.

Além disso, outros projetos mais recentes que também estão associados ao GeoTales por meio de novas parcerias são: (1) GEOPOÉTICA DO ORUN AO AIYÊ: A TERRA QUE ATRAVESSA O TEMPO. Representando a união das Geociências com as Artes Cênicas, Poesia e Mitologia, o foco deste projeto é o desenvolvimento e apresentação de performances baseadas nas poéticas orais da mitologia afro-brasileira, incluindo a recriação de mitos e poesias que ampliem a percepção das diversas formas de relação sensível e poética dos seres humanos com o planeta Terra, associando a divulgação das pesquisas sobre a História da Terra com temas como o empoderamento feminino e a valorização da cultura afro-brasileira.

A integração da vivência das integrantes deste projeto com a pesquisa acadêmica possibilitará a criação e a partilha de performances vivas, viscerais e profundas, acrescidas da ancestralidade traduzida nos mitos, elementos da natureza, arquétipos, símbolos, danças e cantos associados com a Mitologia afro-brasileira. A performance inicial, "Ei, Mulher!", utilizada como base do projeto, foi criada por seis mulheres negras (coletiva Agbara Obinrin) e apresenta o processo de criação arquetípica e mítica da ancestralidade negra, dando voz ao rompimento da submissão em Yemanjá (associada ao mito de formação dos oceanos) e à raiva como

potência em Obá (relacionada com as águas revoltas, ou seja, a dinâmica fluvial em rios com canais entrelaçados ou anastomosados), dentre outras deidades iorubanas.

Este projeto também contempla ações afirmativas ao valorizar e ampliar a presença da cultura negra nas Instituições Públicas de Educação Superior, com o objetivo de promover igualdade de oportunidades e combater o racismo, o preconceito e a intolerância religiosa, pois infelizmente temas associados com a mitologia afro-brasileira ainda são alvo de posturas inadequadas e ignorantes, mesmo quando representam somente a vertente cultural e não as religiões em si, no caso o componente cultural da mitologia afro-brasileira. (2) LUAS DE ASHANTI: ESCRITAS DAS MULHERES NEGRAS E OS RETRATOS DE SUA GEOPOÉTICA. Este projeto tem como principal objetivo divulgar a História da Terra por meio da produção artística de mulheres negras, incluindo histórias em prosa e verso e fotografias que abordam a relação das mulheres com a Natureza. (3) MULHERES DA TERRA: DIVULGAÇÃO DAS GEOCIÊNCIAS POR MEIO DE FOTONARRATIVAS. Historicamente, as mulheres muitas vezes não tiveram oportunidade de serem reconhecidas nos espaços de poder, seja no mundo acadêmico ou no meio artístico. A fim de destacar a questão do empoderamento feminino dentro das Geociências, as novas narrativas criadas pelo Geotales, como "Aiyra e o Maracajá", transformam o papel das mulheres

nas histórias, colocando-as como as personagens principais.

A relevância dessas novas versões das histórias é mostrar por meio da Arte, no caso a integração de narrativas orais com a fotografia, toda a força, inteligência, intensidade e pluralidade feminina, trazendo mais representatividade e empoderamento para as mulheres que visam integrar o meio acadêmico e artístico. Neste projeto estão sendo criadas narrativas fotográficas com a finalidade de ilustrar e divulgar por meio da fotografia as personagens das narrativas utilizadas nas performances do GeoTales.

Este material também é utilizado como um jogo, associado com as performances, no momento em que o público recria as apresentações por meio de novas combinações das fotografias e dos trechos de diferentes versões das histórias (incluindo a versão apresentada pelo GeoTales e a versão escrita pela modelo do ensaio fotográfico, que destaca as ligações da história pessoal da modelo com o arquétipo feminino associado com a narrativa).

A premissa que embasa todos os projetos citados acima é que quando o projeto de divulgação científica envolve a combinação da transmissão de conteúdo científico por meio de diversas formas de expressões artísticas, ele possibilita uma estrutura mais eficiente para a realização de ações educativas, ampliando e multiplicando as experiências sensoriais, afetivas e cognitivas que cada pessoa pode usufruir. Essas atividades podem exercer um papel fundamental na ampliação de uma consciência de conservação do Patrimônio

Geológico, despertando o interesse pela Geologia e Paleontologia ao demonstrar como os seus conceitos estão relacionados a diversos termos e representações do cotidiano. As Artes devem fazer parte das atividades interdisciplinares nas escolas, museus e outras instituições de ensino e pesquisa, pois existe uma profunda relação entre Cultura, Ciência e Arte no processo de desenvolvimento humano. Entretanto, uma discussão interligada sobre essas três dimensões raramente é abordada.

Outros projetos de pesquisa, ensino e extensão que são realizados na UNIRIO de forma integrada com o grupo GeoTales são: “Fósseis das bacias paleozoicas brasileiras: análise tafonômica, paleoambiental, paleoecológica e patrimonial” (onde os fósseis de afloramentos brasileiros são estudados com o objetivo de caracterizar o modo de ocorrência, distribuição e composição das concentrações fossilíferas); “Geoturismo, Geoconservação e Geoética: contribuições das geociências para a conservação da natureza”; “Ensino de Geologia e Paleontologia por meio da utilização de diversas formas de expressão artística”; “Antologia Geopoética”, “Repentes da Terra”, “GeoTales: A divulgação das Geociências atravessada pela poética das vozes da Terra”; “Geopoética: divulgação das Geociências pelo reencantamento do e com o mundo”; “O Canto de Elisama: divulgando as mudanças climáticas do Permiano na Bacia do Parnaíba e suas consequências na paleofauna”; “Conversando sobre a tectônica de placas com a Zaratana, a ilha sobre o casco de uma tartaruga” e “Nymphas da terra: narrando o

surgimento das Nymphaeales no Mesozoico e seu ciclo de polinização pelo besouro *Cyclocephala castanea*”.

No Mestrado profissional em Ecoturismo e Conservação da UNIRIO, quatro projetos em andamento também apresentam interfaces com o GeoTales: (1) A GEODIVERSIDADE E A PAISAGEM DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: atrativos para a realização do Geoturismo Urbano (Fig. 14); (2) INTERFACES ENTRE ARQUITETURA, ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO NOS PARQUES NACIONAIS: a importância da representação da diversidade paisagística na concepção arquitetônica; (3) D.O.S.S.E.L. Jardim Sulacap: Uma proposta de conservação do Patrimônio Natural da Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi; e (4) GEOTURISMO NO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DAS MESAS: planejamento e gestão estratégica para a geoconservação.



Figura 14 – Apresentações do GeoTales associadas com projetos de Geoturismo Urbano no bairro da Urca, em frente ao Museu de Ciências da Terra.

As apresentações relacionadas com todos estes projetos foram realizadas desde 2015 nas seguintes instituições: Museu Nacional / UFRJ / São Cristóvão; Instituto

Benjamin Constant e Museu de Ciências da Terra / Urca; Museu de Geodiversidade / UFRJ / Ilha do fundão; Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - CPRM/RJ / Urca; Departamento de Geografia - UFRJ / Ilha do fundão; Instituto de Biociências, Centro de Ciências Humanas e Centro de Letras e Artes da UNIRIO / Urca; Escola Augusto Pinheiro Carvalho / Marechal Hermes; Escola Municipal Jacques Raimundo / Realengo; Escola Municipal Ministro Edgard Romero / Madureira; Creche Municipal Vitorino Freire / Vila Valqueire; Escola Fundação Bradesco / Tijuca; Escola Centro Educacional Miguel de Cervantes / Cachambi; Escola Jockey / Gávea; Colégio e curso Revisa / Vicente de Carvalho; Externato Alfredo Backer / São Gonçalo; Espaço de Desenvolvimento Infantil Gabriela Mistral / Urca, e Escola Professor Manuel Leite / Mosqueiro, Pará.

Como conclusão deste relato sobre as origens e vivências do Geotales nestes seus primeiros três anos de existência, destaca-se que todas estas apresentações e projetos que buscam integrar as Artes com as Geociências também visam auxiliar o desenvolvimento global das pessoas, contribuindo para a constituição da sua identidade e do seu autoconhecimento, ao desenvolver o senso crítico e estético, despertar o imaginário e a reflexão sobre as relações do “eu” com o outro e com o planeta Terra, a fim de promover a conservação do Patrimônio Natural e Cultural de forma integrada.

REFERÊNCIAS

KELLNER, A. W. A. 2006. **Pterossauros** - Os senhores do céu do Brasil. Editora: Vieira & Lent, 175p.

LEME, G. F. P. **GeoTales: Divulgação das Geociências no setor educativo do Museu de Ciências da Terra**. 2017. Monografia (Graduação - Bacharelado em Museologia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ.

PONCIANO, L. C. M. O. 2006. **Paleoecologia dos Macroinvertebrados Bentônicos da Formação Maecuru, Devoniano Médio, Bacia do Amazonas, Brasil**. Monografia (Graduação de Bacharel em Ciências Biológicas) – Escola de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 133p.

PONCIANO, L. C. M. O. 2011. **Fósseis devonianos da Bacia do Amazonas**. Florianópolis: Editora Bookess, 8 ed., 144 p.

PONCIANO, Luiza C. M. O. **Geomitologia: Era uma vez... na história da Terra**. **Revista Sentidos da Cultura**. V. 2, n. 2, 2015, p. 22 – 42.

PONCIANO, Luiza C. M. O.; et al. **GEOPOÉTICA: A DIVULGAÇÃO DAS GEOCIÊNCIAS PELO REENCANTAMENTO DO E COM O MUNDO** In: In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. **Anais do IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação**, 2017, p.21-25.

SANTANA, A. M. 2015. **Memória e narrativa na voz de contadoras itinerantes e griots**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras. 139 p.

SANTOS, Lilaz B. M.; et al. **Paleontologia cultural: uma análise sobre fósseis e monstros da Amazônia – O Mapinguari**. In: **I**

COLÓQUIO DE ZOOLOGIA CULTURAL, 2016, Rio de Janeiro. – Livro do Evento Rio de Janeiro: Perse, 2016, p. 114 - 129.

SANTOS, L.B.M. **GeoTales: A divulgação das Geociências atravessada pela poética das vozes da Terra**. 2017. Monografia (Graduação - Bacharelado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ.

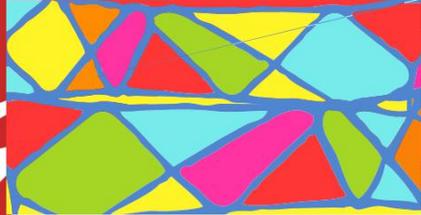
SANTOS, L. B. M.; PONCIANO, L.C.M.O. **BATALHA DE POEMAS: VAMOS BRINCAR DE POESIA NAS GEOCIÊNCIAS?** In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. **Anais do IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação**. 2017, p.6 – 10.

SANTOS, L. B. M.; PONCIANO, L.C.M.O.; MAÇÃO, G. B.; PEIXINHO, L. F.; ARAUJO, J. M.; LEME, G. F. P. **Geotales: A divulgação das Geociências atravessada pela poética das vozes da Terra** In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. **Anais do IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação**, 2017. p.16 – 20.

Site GeoTales - <http://geotalesunirio.wix.com/geotales> Artigos - http://www.researchgate.net/profile/Luiza_Ponciano2
<http://unirio.academia.edu/LuizaPonciano>
Facebook - <http://www.facebook.com/labtapho>
<https://www.facebook.com/GeoTalesUNIRIO>

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano. luizaponciano@gmail.com
Professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, docente permanente do Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação (PPGEC). Doutorado e Mestrado em Geologia (UFRJ) Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas (UFRJ). Possui experiência nas áreas de Geociências, Biociências e Museologia, com ênfase em

Tafonomia de invertebrados, caracterização de tafofácies e reconstituição paleoambiental (bacias do Parnaíba, Amazonas e Paraná), Patrimônio Geológico e Paleontológico, Divulgação das Geociências, Geoética, Paleontologia Cultural, Geomitologia, Geopoética e outras interfaces entre as Geociências e as Artes. Ministra as disciplinas Geologia & Paleontologia II, Paleontologia Geral, Fundamentos de Geologia e Paleontologia, Patrimônio Natural e Conservação do Patrimônio Geológico, coordena o Laboratório de Tafonomia e Paleoecologia Aplicadas - LABTAPHO e o grupo GeoTales, que tem como objetivo divulgar as Geociências por meio de performances artísticas baseadas em histórias em prosa e verso, possibilitando uma vivência dos conteúdos científicos por meio de atividades práticas, multissensoriais, interativas e lúdicas, sob a perspectiva da aprendizagem afetiva.



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

MEMORAR, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Regina Machado

Resumo

O arranjo de uma vida vai se fazendo no remodelar constante de descobertas, que vem da prática diária de uma intenção, da conversa com o que autores, pessoas, (sobretudo crianças), plantas e objetos nos contam sobre outras experiências de viver, pensar, intuir e sentir. Comigo aconteceu a Arte, primeiro, soberana, a me cutucar desbocadas interrogações desde o início nas brincadeiras de menina e mais tarde em sustos e abismos de difícil entendimento. Não apenas a Arte da Palavra, mas o que eu imaginava da Arte como sendo velas acesas a sinalizar a luz no caminho da gente.

Palavras-chave: Arte. Palavra. Narrativas

Abstract

The arrangement of a life is made in the constant remodeling of discoveries, which comes from the daily practice of an intention, from the conversation with which authors, people, (especially children), plants and objects tell us about other experiences of living, thinking, intuit and feel. With me came the Art, first, sovereign, poking me with questioning from the beginning on the girl's play and later on in frights and abyss of difficult understanding. Not just the Art of the Word, but what I imagined of Art as being lit candles to signal the light in the way of the people.

Keywords: Art. Word. Narratives

Acredito que a primeira vez que interroguei a paisagem das narrativas de tradição oral foi a propósito de um certo silêncio.

Eis a cena matriz que me convidou a atravessar um portal, entre muitos outros que vieram depois, alguns até hoje distantes.

Era o ano de 1977, eu dava aulas de Educação Artística em uma escola de São Paulo. Numa manhã tinha diante de mim uma turma de adolescentes ocupados em exercitar de modo barulhento sua sede de interrogar todos os mundos do mundo, sobretudo o porvir, muito pouco interessados, é claro, nos assuntos escolares. Talvez algumas pessoas que olhassem o que vi, chamariam aquilo de “um caos, uma incontrolável bagunça própria da idade”. Pontos de vista, sempre há muitos, não é mesmo?

O que fazer com o descabido planejamento para aquela aula? Respirei fundo e então ocorreu-me contar para eles a estória que se passa no conto *O Espelho* de Machado de Assis (1962). Não sem antes avisar que o que iriam escutar era a sequência narrativa como estava na minha memória, quase uma sinopse. Meu objetivo era que eles se interessassem por conhecer a obra de verdade, para que a lessem depois.

O conto trata de uma reunião de pessoas que estão filosofando sobre a natureza da alma humana. Eles falam e falam, argumentam e discutem. Entre eles há um homem que permanece calado. Depois de um tempo de conversa os outros pedem sua

opinião sobre o assunto em questão. Ele lhes conta uma história. Uma poderosa história, muito bem narrada, nem é preciso dizer.

Machado de Assis termina *O Espelho* (1962, p. 345), com essa frase: “ Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas”. Ao findar o relato desse conto a meus adolescentes percebi um silêncio denso e impressionante preenchendo o espaço da sala, que me deixou perplexa. O caos havia desaparecido.

Eu quis então saber: que qualidade é essa que se instala na situação narrativa oral, capaz de parar o tempo das circunstâncias, capaz de interromper a balbúrdia exterior daqueles adolescentes, convidando-os a mergulhar nas suas paisagens interiores?

Essa pergunta e todas as outras que lhe são consequentes me acompanham desde então, transformando-se ao longo do tempo ao sabor das pesquisas que faço como narradora de histórias.

Muitos anos depois dessa que recordo como a primeira cena - não foi certamente a primeira, mas podemos estabelecer assim para memoriar o início de um percurso-, contei *A página branca* de Karen Blixen (1993) , em que uma velha contadora de histórias diz para sua neta:

Quando o contador é fiel, eterna e incansavelmente fiel à história, é então que finalmente o silêncio começa a falar. Quando o conto é traído, o silêncio é vazio. Mas nós, os fiéis, quando tivermos dito nossa última palavra, nós escutamos a voz do silêncio.(...) Quem, então, conta uma história mais bela do que qualquer um de nós? O silêncio”.

O estudo da *Página Branca* me nutre de maravilhas até hoje. É dessas narrativas que visitamos muitas e muitas vezes por anos a fio. Me dá uma grande alegria perceber que depois de inúmeras leituras ainda salta da página, vez por outra, uma luminosa gema que eu não tinha notado. Como não havia visto isso antes? Pensando agora, não sei porque o espanto, já que a boa literatura, oral ou escrita, dispõe múltiplas camadas de palavras, da mais oculta à mais evidente, um dia finalmente dóceis a olhares atentos. Como o conto *Pirlimpisquice* de João Guimarães Rosa (1988), por dentro do qual passeio há bem mais de trinta anos, que continua teimando em me surpreender. Por isso, tenho dificuldade de entender o fato de uma pessoa ler uma história algumas vezes e pensar que já está pronta para contá-la.

Há alguns anos encontrei um poema de Manoel de Barros (2010, p. 384), chamado *Ninguém*:

Falar a partir de ninguém faz
comunhão com as árvores
Faz comunhão com as aves
Faz comunhão com as chuvas
Falar a partir de ninguém faz
comunhão com os rios,
com os ventos, com o sol, com os
sapos
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com borra
Faz comunhão com os seres que
incidem por andrajos
Falar a partir de ninguém
Ensina a ver o sexo das nuvens
E ensina o sentido sonoro das
palavras
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com o começo do
verbo.

Pronto. Inspiração instantânea para investigar uma questão que apenas se delineava naquele momento, extremamente imbuída da pergunta sobre o silêncio, querendo expressar uma vontade de descobrir de onde vem minha voz de narradora, aquela voz mais de dentro, escondida, onde mora a intenção da sinceridade.

Exemplo para nortear esse pensamento: quando conto uma história e alguém me diz: “você é ótima contadora”, desconfio e no fundo percebo bem, que não havia sinceridade naquele modo de relatar. Se, por outro lado, escuto de um ouvinte: “gostei do conto que você narrou”, então imagino que de algum modo, minha ação de narradora estava em contato com isso que estou chamando de sinceridade. O que eu buscava inspirada pelo poema do Manoel de Barros (2010), era compreender melhor essa intenção que está sempre, que é sempre, à espera de ser acordada, rememorada. Pensei então que queria interrogar o silêncio da fonte dessa intenção e formei um buquê de contos que narrei em uma apresentação chamada justamente de “Ninguém”. Havia um desenho naquela apresentação, uma moldura narrativa que começava com um conto de Nasrudin em que ele se perdia de si mesmo. Para encontrar-se, seguia por caminhos escutando várias histórias e finalmente se encontrava na última delas:

Quem você pensa que é, perguntam os guardas do palácio do rei, para sentar-se sem nenhuma cerimônia no trono real? Por acaso é algum nobre?

- Não, sou maior do que um nobre, respondeu Nasrudin.
- É parente do rei?
- Não, sou maior do que qualquer um deles.
- Você por acaso pensa que é um rei?
- Não, sou maior do que o rei.
- Então pensa que é Deus?
- Não, sou maior do que Deus
- Quem você pensa que é, seu maluco?
- Eu sou ninguém porque ninguém é maior do que Deus.

A experiência de narrar aquele conjunto de histórias me trouxe outras perguntas, assim acho que segue a vida de qualquer pessoa. Na época escrevi: “Conto, talvez, para silenciar em mim e naqueles que me escutam, o barulho das ilusões e da hipocrisia”

Um pouco grandiloquente, me desculpem. Hoje me perdooo, sempre fui mesmo exagerada... Busco, cada vez mais, o suco espremido das palavras. A pompa e a circunstância, se é que servem para alguma coisa, precisam estar bem enraizadas para poder ter sentido de proeza linguística, para desafiar com propriedade a mesmice secular das frases de efeito.

No caso da minha própria história, a impressão que tenho é que fui seguindo intuitivamente um desenho que me pedia para ser desvendado, nunca soube muito bem porque e para que.

Acredito que todo mundo tenha uma qualidade essencial que pode se atualizar nos mais diferentes tipos de atuação. No entanto, a escola e os processos de socialização, como um todo, podem contribuir para afastar as pessoas dessa qualidade essencial que lhes é

peculiar. Mas muita gente tem a oportunidade, pelas mais diferentes razões, de atualizá-la. Creio ter recebido esse presente, ou sorte, seja lá como se chame, de poder atualizar uma qualidade que é a de observar o crescimento dos outros, buscando criar situações de aprendizagem onde eles possam encontrar-se no próprio de sua pessoa.

Parece que isso sempre se deu na minha vida por meio da Arte. Aos 12 anos, mais ou menos, enquanto as outras crianças brincavam de escolinha, eu brincava de “escolinha de arte” num cantinho da minha casa, reunindo as crianças da rua em meio a caixas de lápis de cor e giz de cera. Não sabia por que estava fazendo isso, mas fazia. Meu pai era um educador artista, minha mãe era uma professora de francês mergulhada na Literatura, então parece que tive um meio muito propício para o contato com os valores artísticos desde cedo.

Aos 17 anos queria fazer teatro, mas não queria fazer o que se concebia na época como teatro, queria viver a ação artística do teatro. Tentei entrar em Artes Cênicas na ECA-USP, mas não passei logo na primeira prova de conhecimentos gerais, que era eliminatória, eu não sabia nada de Getúlio...

Porém também havia prestado vestibular para Ciências Sociais e passei. Eu havia estudado no colegial em uma escola muito boa, tinha aulas fantásticas de Filosofia e História, e achei que precisava continuar estudando aquelas coisas, pois não poderia ser uma boa artista se não soubesse pensar.

Entrei nas Ciências Sociais e fiquei até o final do curso por causa da Antropologia, que me fascinou desde o começo e me abriu para o conhecimento que precisava ter. Saudade das aulas da Ruth Cardoso. Nesse primeiro ano da faculdade encontrei uma amiga que me recomendou um curso de “arte para crianças”. Eu não sabia o que era isso, mas acabei indo ver do que se tratava, sem muitas expectativas. Esse curso era na Escolinha de Arte São Paulo, recém criada pela Ana Mae Barbosa em 1968. Fiz esse curso durante seis meses e já comecei a trabalhar com a Ana Mae, no segundo semestre.

Fui aluna da Joana Lopes, e lá trabalhei com Madalena Freire, que nessa época tinha acabado de voltar da Alemanha. Eu era assistente nas aulas da Joana e da “Madá”. Foi o início de uma formação no Ensino e Aprendizado da Arte por causa dessas pessoas e porque continuei com a Ana Mae desde então. Tanto Ana Mae como seu marido, João Alexandre Barbosa sempre foram super generosos, não apenas comigo, mas com a grande quantidade de amigos e alunos que frequentavam a casa deles. João Alexandre foi um dos maiores contadores de histórias que conheci. Era uma experiência fascinante estar próxima a eles. Havia também as situações de vida pelas quais tinham passado, as experiências da ditadura, a experiência em Brasília, toda a história das Escolinhas de arte. Faz mais de 40 anos que acompanho Ana Mae e esse é sem dúvida um grande privilégio que não canso de agradecer.

Durante a graduação, fiz todas as disciplinas optativas nas outras faculdades da USP, na Filosofia, na Letras, na Escola de Comunicações e Artes: Antropologia da Arte, Sociologia da Arte, Estética, (a professora de Estética era a Gilda de Mello e Sousa, mulher do Antônio Cândido., com quem tive aulas depois no último curso que ele deu na Pós Graduação, inesquecível). Sem contar o enorme privilégio de assistir às aulas de Paulo Freire, que Ana Mae havia convidado para um curso na ECA. Com oportunidades assim, acho que não seria mais do que minha obrigação seguir um caminho de retidão investigativa, sem nenhuma desculpa para não honrar o legado que deixaram não só para mim, mas também para uma geração inteira de estudantes.

Hoje, quando escrevo, ou quando converso com meus alunos, ressalto a importância de uma sólida formação em Ciências Humanas para um artista educador, porque isso propicia a experiência singular da construção de um pensamento sobre a Arte como fenômeno cultural, político, estético e psicológico, com toda a fecundidade que essa múltipla visão pode acarretar. Tenho esse lastro hoje por causa da formação em Ciências Humanas. Depois da Graduação, cheguei a iniciar uma Pós Graduação em Antropologia, mas acabei por abandoná-la, pois não era antropóloga e sabia que nunca seria. Mesmo assim, grande parte da minha fundamentação veio da Antropologia.

Comecei a dar aulas em faculdade aos 23 anos, na *Mozarteum*, onde os alunos,

basicamente, eram professores de conservatório que precisavam de um diploma universitário.

Depois, fui dar aulas na Licenciatura em Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado. Lá tive um grande campo de experimentação no trabalho de formação.

Continuando nessa vida de dar aula em vários lugares e faculdades, fui fazer um mestrado fora do Brasil, por indicação da Ana Mae. Ganhei uma bolsa da Fundação Fulbright, e estudei Theatre Education na Universidade de Nova York.

Para finalizar o Mestrado fui fazer um curso de verão na Inglaterra, no mês de agosto, no Bretton Hall College of Higher Education. Lá, contei como trabalho de final de curso, um dos contos do Canterbury Tales, de Chaucer. Foi o primeiro conto que contei para público na minha vida. Quase morri de vergonha. Eu treinava à beira de um lago e contava histórias pra ele. Depois perguntava se estava bom. Era meu único amigo. Vocês acham que se pode ter amigos na Inglaterra? O único amigo que eu tinha era aquele lago e conversava com ele.

Terminado o mestrado, recomecei a trabalhar com histórias, que de fato tinham me acompanhado nos últimos anos na forma de contos de autores, letras de música, peças de teatro e outros tipos de narrativas. Cheguei a montar Domingo no Parque de Gilberto Gil junto com meus alunos do terceiro colegial.

Ao voltar para o Brasil dirigi minha atenção, sobretudo para a tradição oral das culturas do mundo, para a cultura popular

brasileira e fui atrás de tudo que pudesse fundamentar a importância de trabalhar com as narrativas orais dentro de um programa de ensino e aprendizagem da arte. Mais para frente focalizei todo o trabalho na Arte da Palavra, em dois tipos de pesquisas: na pesquisa artística, comecei a investigar um repertório e um modo de narrar, maneiras de contar histórias como expressão contemporânea. Queria saber o que é narrar histórias hoje, para quem, quais recursos se utilizam, que princípios de formatividade são peculiares a essa Arte. Uma pesquisa artística, investigando meu próprio processo de experiência criadora. A outra pesquisa, concomitante, voltava-se para a formação de educadores artistas, que desenvolvi principalmente como professora da Universidade de São Paulo, mas também, como faço até hoje, em cursos, oficinas e encontros em muitos lugares do Brasil e de outros países.

Defendi então meu doutorado em 1989, mas já estava na USP desde 1984, como professora do Curso de Especialização em Arte e Educação, criado por Ana Mae Barbosa, fazendo essa pesquisa para estudar as funções dos contos de tradição oral na formação de arte educadores.

Nesse curso, era possível acompanhar os alunos durante um ano inteiro e eu podia ver se aquilo que estava propondo fazia sentido. Às vezes sim e às vezes não. Mas muitas vezes fiquei sabendo disso depois, pelos depoimentos de ex-alunos que encontro até hoje.

O Curso de Especialização durou 16 anos. Ouso dizer que essa foi uma experiência inovadora. Havia uma estrutura de princípios e uma clareza de propósitos que todos os professores do curso compartilhavam. Mas não havia um programa rígido a ser seguido. Como as pessoas estavam livres para experimentar, penso que muitas coisas boas aconteceram ali.

Hoje posso perceber no âmbito do Ensino da Arte uma configuração que antes não existia. Quando comecei a trabalhar com as narrativas tradicionais as pessoas tiveram dificuldade em compreender o alcance dessa proposição. Até hoje tem gente que diz que não trabalho mais na Área de Ensino e Aprendizagem da Arte, que virei contadora de histórias. Mania de engavetar tudo. Na verdade, gosto de pensar que hoje, há muitos arte educadores que trabalham com contos em suas propostas. Já há uma melhor compreensão da Arte de Contar Histórias como forma de conhecimento, como manifestação artística tão importante quanto Teatro, Dança, Música, Artes Visuais ou qualquer outra forma contemporânea de Arte. Ou seja, que é possível haver aprendizagem dessa Arte como de qualquer outra. E aprendizagem quer dizer: processo de transformação, pesquisa, estudo de repertórios, leituras, reflexão, invenção. Por isso, viva o desengavetamento das disciplinas, a desclassificação das pessoas, a qualificação dos encontros!

Paro para respirar e penso no propósito desse relato. Memórias de uma contadora de

histórias. Releio tudo desde o começo e corto sem pena, muitas passagens e fatos. O que isso pode interessar a alguém que quer refletir sobre a Arte de Contar Histórias? Não sei. Fui encadeando memórias e pensamentos, sempre prestando atenção para não falar demais. É que o ninguém que mora dentro da gente leva um tempão para ser encontrado, parece que é preciso lembrar de tudo que a gente fez, querendo ser alguém, para então descobrir que era só um caminho para perceber que isso não tem a menor importância.

Talvez eu queira dizer finalmente que um contador de histórias se forma aprendendo a escutar constantemente suas perguntas importantes a cada momento de sua trajetória. O contador aprende perguntando para formular uma intenção, o que se dá ao longo da sua vida.

A escuta, até onde consigo entender, é para mim um termo que engloba:

- a escuta de si mesmo - de suas qualidades e dificuldades em suas experiências de narração, de seus sonhos, perplexidades e formulações,
- a escuta dos contos - suas formas, culturas a que pertencem, seus ritmos e estilos, suas palavras e como fazê-las soar e ressoar,
- a escuta dos outros contadores - suas escolhas e descobertas narrativas,
- a escuta dos textos e repertórios - lidos e estudados,
- a escuta das crianças - presentes nas variadas audiências e tudo o mais que

podem nos ensinar em outras ocasiões em que estamos com elas,

- a escuta dos recursos internos e externos - que podem ser utilizados a serviço das palavras de cada conto narrado,
- a escuta do seu corpo como instrumento expressivo - ritmo, respiração e concentração em movimento,
- a escuta de suas possíveis vozes - para perceber por meio de qual delas um determinado conto pede para ser narrado,
- a escuta de suas intenções narrativas - o que o move para escolher seus modos de contar.

O mais importante nesse trajeto me parece ser a constituição lenta e quase sempre silenciosa do espírito da escuta, contando com o exercício da reflexão, da percepção flexível - nada é definitivamente o que parece ser, tudo pode tornar-se, pouco a pouco, uma descoberta surpreendente, contando com o cultivo da paciência do contador - para aceitar que não sabe, para correr o risco de aventurar-se, para rir de si mesmo, para ficar feliz com as próprias descobertas e enganos, para receber críticas como faróis a clarear o caminho, contando com a possibilidade de sonhar - sempre - o que ainda não é, mas pode ser, de entrar em contato com sua intuição, entendida como uma forma pessoal de dialogar com as mais desafiadoras situações de aprendizagem.

Poder compartilhar com outros contadores em situações de trocas de experiências, compartilhando questões que povoam o universo de pesquisas de cada um é, talvez, o tempero mais saboroso e sutil dessa sopa de possibilidades.

Talvez eu queira dizer que as narrativas que de fato importam, costuram o sentido do mundo com fios de uma preciosidade inefável, formando tecidos que quase sempre passam despercebidos por baixo das cidades, dos monumentos, dos mercados, das casas e dos altares que as pessoas fazem e desfazem ao longo da História Humana.

Desde a primeira vez em que conversei com uma dessas histórias milenares percebi um vislumbre desse fio alinhavando o sentido da minha vida, de acordo com um desenho muito antigo, que vem vindo tomando a forma atual do trabalho, que me vejo destinada a fazer, costurando meus encontros com as pessoas e com os mundos em que me foi dado viver.

Escutar e contar são dois em um só aprendizado difícil, belo, arriscado e impossível de ser deixado de lado ou separado do riscado que é meu estar aqui de passagem. Que faço sendo feita, que sirvo sem saber se me serve, que honro querendo me tornar honrada, que ofereço sem que me pertença.

Contar e ouvir histórias é o que me move, como parte de um exercício de aprender a ser uma pessoa melhor, menos barulhenta, menos espalhada à toa, assim, quer dizer, desperdiçada. A vida é muito curta para um desperdício inconsequente, desamoroso.

As histórias me fazem viver a pulsação amorosa da urgência das perguntas sem resposta, da direção desconhecida do pote de ouro que certamente se encontra do outro lado do arco-íris, em algum lugar dentro de mim?

A intenção de compartilhar com os outros esse Bem que o ouvir e contar histórias me faz, participando da transmissão dessa torrente de narrativas que sempre existiu no instante das palavras bem ditas, me direciona, fazendo-me acreditar que ainda não me contaram a história toda. Há muito que escutar ainda. Em silêncio.

São Paulo, 1 de fevereiro de 2018

REFERÊNCIAS

Assis, Machado de. O Espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana.. In: *Obra Completa Volume II. Papéis Avulsos*, p. 345. Rio de Janeiro, Editora Aguilar, 1962.

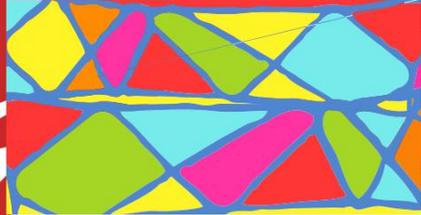
Barros, Manoel de - Ensaio Fotográficos. In: **Poesia Completa**. São Paulo, Editora Leya, 2010.

Blixen, Karen- A página Branca. In: **Contos de Inverno**. São Paulo, Editora 34, 1993.

Rosa, João Guimarães- **Pirlimpitico**. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

Regina Machado. Contadora de histórias para adultos e crianças desde 1980. Mestre em Educational Theatre na New York University, com doutoramento na ECA-USP, em 1989. Professora Livre Docente do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP. Autora dos livros *Acordais – Fundamentos Teórico-poéticos da Arte de Contar Histórias*, pela Editora DCL, *O Violino Cigano e Outros Contos de Mulheres Sábias*, pela da Cia das Letras, *A Formiga Aurélia e Outros Jeitos de Ver o Mundo e Nasrudin*, pela Cia das Letrinhas, e Cláudio

Tozzi, da Série *Mestres das Artes no Brasil*, pela Editora Moderna. É a criadora e curadora do Encontro Internacional BOCA DO CÉU de Contadores de Histórias.



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

MEMÓRIAS DO OUVIR, DO CONTAR E DO LER

Renilda Rodrigues-Bastos

Resumo

Não tenho dúvida de que as histórias sempre foram um chamado para o mundo das poéticas, das letras, do ofício de professora, porque acredito piamente que todo (a) professor(a) deva ser contador(a) de histórias. Elas chegaram até a mim não como uma palavra qualquer, mas sim uma palavra afetiva, de vozes que preencheram a vida e fizeram o primeiro chamado para o que eu seria anos depois. As histórias talvez ali já abrissem um caminho para o que mais tarde se desenharia e me traria até aqui.

Palavras-chave: Memória. História. Voz

Résumé

Je ne doute pas que les histoires ont toujours été un appel au monde de la poésie, des lettres et de la fonction d'enseignant, car je crois vraiment que chaque enseignant devrait être un conteur. Ils sont venus à moi non comme un mot, mais comme un mot affectif, de voix qui remplissaient la vie et ont fait le premier appel à ce que je voudrais des années plus tard. Les histoires ont peut-être déjà ouvert la voie à ce que je pourrais plus tard dessiner et me ramener ici.

Mots-clés: Mémoire. Histoire Voix

Histórias da Infância

O rio tem sua corrente, velocidade, recifes, redemoinhos e outros obstáculos que não podemos controlar, mas contamos com um remo para dirigir a embarcação sobre a água (Isabel Allende).

A lembrança mais longínqua que tenho de palavras que compartilhei, aquelas que passaram duas vezes pelo meu coração, veio para mim pela memória de minha irmã mais velha. Ela conta que quando eu tinha mais ou menos quatro anos declamava poemas:

Os adultos pediam que tu recitasses versos, não lembro quem te ensinou, só me lembro de ti, muito pequenina, declamando poemas em cima de uma cadeira, ou da mesa e, todo mundo olhando admirado, porque eras muito engraçada, levada da breca, no fim da recitação, todo mundo ria porque tu cobravas, colocavas a mãozinha e dizias: “dois vintinhos!” Não sei o porquê dois vintinhos. Isto ocorria mais quando vínhamos à Belém e ficávamos hospedadas na casa de nossa tia Cristina, irmã de nossa mãe, que morava na Cidade Velha. Sempre vínhamos a Belém com nossa mãe para tratamento de saúde ou apenas visitar a família dela. Nossos primos, filhos dessa nossa tia, eram mais velhos, que mamãe porque ela era filha temporã, te pagavam e iam comprar bombom, não tinhas nem cinco anos, eras muito engraçada e decoravas tudo, me lembro muito da gente quando crianças, sou mais velha só três anos, mas lembro. Vivíamos as voltas com a leitura, ouvíamos rádio e copiávamos as músicas num caderno, vivíamos em Curuçá, tempo não nos faltava para ler, ouvir histórias, rádio e brincar em nosso imenso quintal, lembro de ti coroando a nossa senhora, soltando a voz na igreja, toda de branco, de quando eras a baliza da banda, e do anjo da Verônica, na Semana Santa, ocasião em que cantavas em latim, eu era tímida, mas admirava o teu jeito de participar de tudo que eras convidada, a mamãe preparava as roupas, as asas, as sandálias (...) quando era o anjo

Gabriel da Pastorinha da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ou seja, estavas sempre envolvida com algo que se relacionava com as palavras cantadas ou recitadas (...). “E os versos?”. Os versos eram estes:

“A morte é feia,
dela ninguém escapa,
nem o rei, nem o príncipe, nem o
papa
Mas eu escaparei:
Compro uma panela
meto-me dentro dela
e tampo muito bem
A morte passa:
E diz: aqui não tem ninguém!”

(poema da memória de Ronilda Salles, minha irmã, 64 anos)

Não lembrava dessa história dos começos, assim como nunca descobri o autor desses versos, não me lembrava disso, bem como não lembrava que líamos livros proibidos. Um dia desses, eu e minha irmã conversando, ela lembrou desse meu início com as palavras e nos lembramos que apanhamos com o livro *O Crime do Padre Amaro*, que líamos escondido da mamãe. Quando mamãe descobriu, bateu com o livro na gente, lembramos e rimos porque minha irmã tinha 10 anos e eu 7 anos. O livro estava escondido debaixo do colchão da cama, bem como outros proibidos para crianças, tentamos sorte com *Anna Karenina* que também estava lá, mas ficamos com medo da mamãe descobrir. Bem mais tarde, lemos os dois volumes e conversamos sobre esses livros que sempre fizeram parte de nossas leituras, mamãe gostava de autores russos.

Minha irmã ama ler desde sempre, não gosta de tv nem de redes sociais, sendo assim, tem muito mais tempo para suas leituras.

Como todos nós, ela lembra de muitas histórias de leituras de quando éramos crianças e morávamos em Curuçá. Foi por causa de suas lembranças que tive acesso aos primeiros versos que compartilhei com outras pessoas. Um encontro muito bonito para mim com a memória dela. Ela que sempre foi uma pessoa tão concentrada e silenciosa, talvez, por isso, ela lembre de tantas histórias de nossa infância no enorme sítio Santa Helena e depois no casarão da Ponta D'água, na Rua do Rosário em Curuçá, e das histórias das visagens que conviviam conosco, e que só ela via. Nesse sentido, permito-me retroceder para buscar na memória que essa casa da nossa infância era enorme, os móveis eram marrons e grandes, relógio de parede enorme, de corda e muito bonito. Uma enorme sala, uma alcova, quartos e cozinha, além de um quintal que dava de uma rua para a outra, repleto de árvores cheias de frutas. Nunca entendi porque tinha alcova e que diabo significava isso? Só sei que meus pais dormiam nela.

Foi nesse casarão que vivi uma história que marcou negativamente a minha infância, isto tem a ver com o falecimento de meu avô paterno, que foi velado em nossa sala, o casarão era dele, mas quem morava éramos eu, meus irmãos e meus pais. No velório tinha gente por todos os lados. Gente comendo, bebendo, chorando, rindo das histórias que alguns contavam. Eu, com seis anos e meio, no meio daquele povo, pois meu avô era um homem muito conhecido e respeitado socialmente, dormi com medo, mas, como tinha gente à noite, fiquei despreocupada ainda que estivesse

extremamente triste, amava o meu avô. Quando foi umas dez horas do outro dia, antes de sair o enterro, chamaram a família para se despedir, quando chegou a vez dos netos, fizeram a escadinha por ordem do nascimento dos netos, eu era uma das últimas, então eu me escondi dentro do enorme guarda roupa e ninguém me achou, no entanto, eu, na alcova dentro do guarda roupa, ouvia me chamarem para me despedir de meu avô Rodrigo, não apareci de tanto medo que fiquei. Até hoje minha prima mais velha, Irene, conta essa história. Nunca superei, jamais me aproximei de qualquer pessoa morta, nem dos meus pais quando partiram. Todos sabem desse trauma que ficou em mim que nem com terapia eu consigo resolver.

Lembro-me das pessoas contando histórias de meu avô. Antigamente era assim, Walter Benjamin, em *O narrador* (1994) nos diz que a modernidade, higienizaria as casas da morte, por isso as histórias de quem parte não são mais contadas, enquanto o corpo de quem falece se despede da casa, como por exemplo, ocorreu no velório de meu avô. Benjamin não deixa de ter razão, porém no interior ainda há um suspiro desse tipo de narrativa.

É claro que na modernidade, com o desenvolvimento do capitalismo e das mudanças vigorosas das condições de vida, das informações rápidas e esquecidas, talvez esse narrador para o qual Benjamin escreveu no tão famoso ensaio, esse se transformou, mas lembro que muitas histórias, que fazem parte de meu repertório, foram aprendidas por meio dos

contadores tradicionais, outras lidas em coletâneas.

Da voz

Por exemplo, minha irmã acha que quem me ensinou os versos supracitados foi a Tia Maria uma das contadoras de história das melhores que conheci em toda minha vida, era nossa tia por parte da família paterna, esposa do irmão mais velho de papai, esse tio faleceu muito cedo, mas nos deixou o tesouro que era nossa tia Maria, se não a melhor contadora de histórias, era a mais sábia. Eram muitas histórias, lendas, cantigas, mitos, adivinhações, romances, quadras de versos... que fizeram e fazem parte da minha vida desde que me entendo por gente:

Melão, melão, sabiá
é de laranjeira, sabiá
morena bonita, sabiá
namoradeira, sabiá.

Sete e sete são quatorze, sabiá
Com mais sete vinte e um, sabiá
Tenho sete namorados, sabiá
Não me caso com nenhum, sabiá
(...)
Melão, melão, sabiá

Tia Maria me ensinou muitas quadras de versos, a partir do refrão. As palavras vinham de três fontes: duas da voz e uma da letra. Toda noite da minha infância, me sentava na calçada da casa da tia Maria, em Curuçá, e toda noite ela sentava na porta e contava histórias para os sobrinhos e as crianças da vizinhança. Seus filhos já haviam crescido e procurado outros ninhos. Dela vinha a voz dos Contos de Fadas, do Fogo Fátuo, das Visagens, da Matinta, do

Boto, da Menina que bateu na mãe... Além de cantar muitas Cantigas de Roda. Ela sabia todos os contos de fadas que mais tarde descobri nos livros de Perrault, dos Grimm, de Andersen, de Figueiredo Pimentel e de Monteiro Lobato, repertórios que foram estudados num mergulho profundo na dissertação de mestrado e, nesse estudo, conto um pouco da história da tia Maria.

Se ela não fosse semianalfabeta (da letra), diria que ela tinha lido todos os livros de histórias disponíveis de seu tempo. Estudei no mestrado as *matrizes impressas do oral*, então compreendi como foi o processo dela com as histórias e sua memória. Pois aprendi com Paul Zumthor e com Jerusa Pires Ferreira que quando estamos diante de um texto oral precisamos desconfiar se ele veio ou não da letra, porque no fenômeno da memória a letra e a voz se coadunam e se reatualizam, porém, esta, é uma história muito comprida, e que um texto que pensamos ser da voz, na verdade vem da letra.

Outra fonte da palavra fundadora veio de meu pai, grande contador de história e um mentiroso de marca maior, porque dizia que as histórias ele tinha inventado para aquietar a gente. Dizia que tudo que contava tinha acontecido com ele ou com algum conhecido. No dia em que descobri que não era verdade, ao ler as histórias em antologias de contos, fiquei muito aborrecida com ele, principalmente por causa da história dos *Três Cachorros: Ouve Longe, Rompe Mato e Quebra Ferro*.

Jantávamos cedo e papai fazia mingau para tomarmos antes de dormir, para todos nós,

colocava milimetricamente a porção para todos os filhos e filhas nas canecas de louça, após esse mingau nos preparávamos para ouvir suas histórias, alguns dormiam logo, outros como eu (que nunca gostei muito de dormir) pedia: “conta mais”. De vez em quando a mamãe brincava que ele estava inventando. Mas, ele assegurava que tinha realmente ocorrido e nós acreditávamos de tão bom contador que ele era. Se fosse de visagem todos iam tomar água juntos, se encaminhavam juntos para o quarto com medo e eu lembro que dizia: “mana, mano não fechem os olhos antes de mim, só quando eu dormir.”.

No interior o medo era bem maior, principalmente porque cedo a energia era desligada e as casas ficavam com luzes de candeeiros, lamparinas e em casa tinha uns enormes luzeiros chamados de *petromax*. Nesse clima, numa casa agora menor e com um pai deitado na rede, uns dois filhos com ele e os outros acomodados na cama ou mesmo numa rede onde cabiam mais uns dois, ele contava histórias, que já havia corrido de Matinta Perera quando era rapaz e ia a caminho do sítio Santa Helena de sua família, no interior do interior, ele era personagem de tantas narrativas, ou no mínimo conhecia o personagem principal da narrativa. Lembro-me de uma história que era bem comprida e que nós amávamos ouvir nosso pai contar, na verdade estou tentando escrever as sequências narrativas de memória:

Um pai adoeceu muito e ele tinha dois filhos, essas crianças tinham por nome José e Joana, os dois faziam os trabalhos da casa e tiravam lenha, enquanto o pai ia caçar. *Quando eles estavam*

mocinhos, o pai adoeceu e por isso ele chamou os filhos e disse:

- Meus filhos eu vou embora deste mundo, eu deixo pra vocês só esta casa, esta terra e duas vaquinhas magras, não vão brigar por conta desta pequena herança. Quando chegar a hora vocês escolhem ficar com o que quiserem e entrar em acordo.

Depois de um tempo, o pai deles morreu e dos dois irmãos quiseram dividir o que o pai tinha deixado. A menina quis ficar com a casa e o menino com as vacas e o pedaço de terra. Mas, quando cresceu um pouco, o rapaz pegou as duas vacas e foi correr terra para tentar fazer fortuna. Ao se despedir a irmã disse a ele: “se tu precisar podes voltar e morar aqui comigo”. O menino respondeu: “ tá bom. Mas se eu tiver sorte eu venho te buscar pra morar comigo”.

Então, se despediram, e o menino partiu. Passado algum tempo e nada do menino, José estava à procura da fortuna. Cansado de procurar o rapaz se sentou embaixo de uma árvore muito frondosa. Quando estava pensando em sua vida, chegou um velho com três enormes cachorros que se aproximou dele. O velho disse para João: “Bom dia, que tu fazes aí? Tão novo e já tão cansado”.

Olhou para as vaquinhas de José, magrinhas de tanto correr terra com ele, e propôs um negócio: “Meu rapaz, eu troco meus cachorros pelas tuas vacas”. José respondeu que não ia fazer isso, pois as vacas davam leite e os cachorros só iam fazer companhia.

O velho disse que José estava enganado porque seus cachorros eram diferentes, encantados e que eles se chamavam: “Rompe Mato, Quebra Ferro e Ouve Longe”. O velho convenceu José que seus cachorros seriam de grande valia para ele, para sua vida e, além de tudo, os cachorros eram calmos e bem mandados. José concordou finalmente e trocou suas vacas pelos cachorros. Antes do velho ir embora, José perguntou para o velho porque ele queria tanto se livrar dos cachorros já que eles tão maravilhosos e encantados. O velho respondeu que estava muito velho e que os cachorros corriam às vezes em várias direções e ele não dava mais conta. Como José era novo poderia dar conta deles.

O velho foi embora com as vacas e deixou José matutando sobre os cachorros. Depois resolveu se por a caminho com os novos companheiros. Quando de repente viu algo parecido com um

enterro, e um tipo de carruagem e de dentro vinha um choro bem sofrido. O rapaz ficou curioso e ao levantar a cortina da carruagem, viu uma moça que chorava muito, então o rapaz quis saber o motivo. Foi então que o homem que conduzia o transporte disse: “tu não sabes que aqui perto tem um monstro terrível que para ficar calmo e não comer todo mundo, uma moça é levada para ele. Assim, ele deixa a reino em paz por um tempo, desta vez será esta moça que está em prantos”.

José resolveu seguir o cortejo com seus cachorros, foi indo até chegar ao local cheio de árvores tão tenebrosas onde a moça seria dada ao monstro. José pensou: “bom, esses cachorros são encantados então eles podem ajudar essa moça”. Foi que ele gritou: “Rompe Mato vai até a caverna desse monstro e estraçalha ele até os ossos”. O cachorro sumiu por entre as árvores e voltou vitorioso da luta com o monstro.

A moça feliz sorriu e disse para José: “Por favor, vá até o meu reino, pois sou uma princesa e meu pai vai querer lhe presentear com algo por causa do que fez por mim”. O rapaz disse que passaria três anos depois. Depois que José se foi, o cocheiro disse para moça que dissesse ao seu pai que ele teria matado o monstro. Ela falou que não iria mentir para o pai.

José queria conhecer o mundo, além do mais, ele era pobre e a moça era uma princesa, José só passaria se fizesse fortuna. O homem que ia levar a princesa ao monstro disse para a moça que se ela não dissesse para o pai dela que foi ele que teria matado o monstro, ele mataria a moça. Sem saber o que fazer, a moça disse ao seu pai que o homem matou o monstro e, por isso, ela teria que se casar com ele. Mas a moça conseguia sempre ganhar tempo e inventava uma porção de mentiras para retardar o casamento.

Chegou o tempo de casar e não havia mais como enganar o noivo e o pai. De tão triste a moça chorava o tempo todo e o pai dela disse que achava estranho, uma pessoa que ia casar chorar tanto, de tanta felicidade e que achava que ela exagerava nos sentimentos. Deixa estar que José estava pobre e voltando pelo mesmo lugar. Voltando pra casa de sua irmã Joana, viu um pessoal numa calçada, ele então perguntou: “que está acontecendo? Que alvoroço é esse?”. Um senhor respondeu o seguinte: “hoje a princesa, que foi salva do monstro, que

atormetava este reino, vai casar com o homem que lhe salvou a sua vida. Isso faz três anos”.

José ficou impressionado e disse: “quem matou aquele monstro fui eu”. Aí o homem repreendeu José porque ele estava metido e chamando de mentiroso o noivo da princesa. Mas José insistia em dizer que o homem era realmente um mentiroso. Por isso, ele foi preso porque além de mentir estaria ofendendo a honra do noivo da princesa. Então ele foi colocado numa prisão terrível.

O rapaz cheio de ferro nos pés, atrás das grades ficou bastante furioso. Foi então que ele chamou: “Quebra-Ferro venha em minha valia”. No mesmo momento, o cachorro chega e começa a romper os ferros com os dentes, e assim soltou José que junto com os seus cachorros fugiu do lugar. No entanto, antes resolveu impedir o casamento da moça e fez seu cachorro Rompe Mato lambear a mão da moça que estava no palácio triste porque estava pra casar com um mentiroso que ameaça sua vida.

A princesa pediu que trouxessem o dono do cachorro ao palácio para seu pai conhecer, o rei perguntou: “mas o que significa esse rapaz com estes cachorros?”. De repente, surge o cocheiro fulo da vida, e quando ele ia impedir o rapaz de entrar no palácio Ouve Longe fez ele parar de tanto medo.

Assim, o rei soube da história da morte do monstro e a moça conseguiu casar com José que salvou todos com seus cachorros encantados. Todos foram convidados e, Joana, irmã de José, que tinha se tornado, uma bela mulher se casou com um rapaz que ela conheceu no casamento de José, e todos foram felizes para sempre.

Era mais ou menos assim a versão que nosso pai nos contava, uma das preferidas que já deve estar extremamente contaminada com outros textos-versões dessa história lidas por mim no decorrer da vida.

Quando comecei a estudar Poéticas Oraís para a dissertação de mestrado, descobri muitas versões dos Três Cachorros que fazem parte do estudo de Anti-Arne e Thompson (Arne-Thompson), uma tipografia que traz os motivos de contos e os ciclos de narrativas que

serviu de modelo para outros estudiosos inclusive a Câmara Cascudo em seus Contos Tradicionais do Brasil (1985), bem como ao Robert Darnton (1986) em seu estudo histórico que faz parte do seu livro O Grande Massacre de Gatos.

Da letra

A terceira voz, não menos importante, veio da letra, das leituras de minha mãe que era grande leitora, foi por causa dela que as histórias sagradas sempre me chamaram atenção, lembro-me do livro cheio de gravuras em preto e branco, que ela lia algumas páginas para nós, ou pedia que lêssemos. E outros tantos livros que ela lia e fazia-nos ler em voz alta, assim que aprendemos a ler. Minha mãe tinha muitos filhos e quando todos estavam muitos levados da breca, correndo, gritando... ela mandava sentar e ler. Ninguém ficou traumatizado, todos os filhos gostam de ler. A história de leitura de minha mãe é tão comprida que daria uma tese sobre leitura. Minha mãe comprava livros quando vinha em Belém, além do que nossas tias professoras emprestavam e líamos sem fazer muito essa divisão de adulto e criança.

As palavras encantadas continuaram a fazer parte da minha vida na escola. Tenho lembranças muito gostosas de minha professora da segunda série primária (professora Verazinha que gostava de ler histórias e fazer-nos ler em sala de aula, líamos alto para toda a sala ouvir). Foi dela que ganhei o primeiro livro de alguém que não de minha família, por ter

sido, naquele ano, a aluna em primeiro lugar da turma, era um livro de contos de fadas. Essa professora uma vez contou para minha mãe que estava preocupada comigo porque eu inventava histórias demais na sala de aula, o problema não eram as histórias, era o fato delas todas se passarem no Rio de Janeiro e ela sabia que eu nunca havia estado no Rio, ou seja, era uma boa mentirosa, então ela foi conversar com a minha mãe sobre as minhas “mentiras”.

Foi assim que minha mãe soube que, na verdade, eu contava o que ouvia nas cartas que a irmã da mamãe que, morava no Rio, mandava para ela. Chegava sempre, pelo correio, uma caixa cheia de livros, gibis, revistas, papéis de cartas, cadernos e uma enorme carta, com muitas laudas que minha mãe lia para todos os filhos e, às vezes, para o papai.

Eu decorava as cartas e transformava em histórias que contava na sala para meus colegas e professora. Minha mãe deixou de ler em voz alta as cartas. Sempre tive uma pontinha de tristeza de minha mãe não ter conhecido essa irmã, pois, como era temporã, quando minha mãe nasceu sua irmã já havia casado e ido morar no Rio, porque o seu marido era da Marinha Mercante. Porém, eram tão amigas que parecia que viviam juntas só pelas palavras, cartas para lá e para cá e por causa dessa tia é que tínhamos muitos livros. Eu a conheci e percebi que era uma mulher muito interessante. Seus filhos tinham mais ou menos a idade de minha mãe, eram professores universitários. Minha tia foi responsável, em parte, por gostarmos, todos, de ler. Meu irmão mais novo pegava os gibis e começava os seus

primeiros traços. Ficávamos muito felizes quando a caixa chegava e dentro dela, um mundo de histórias.

Na terceira e na quarta séries, minhas professoras eram, por coincidência, minhas tias, professoras primárias. Tereza e Orlanda que tinham estantes cheias de livros e como ia muito à casa delas tinha acesso aos livros, eu, os meus irmãos e primos, vai ver é, por isso, que somos tantos professores de Letras. Minhas tias eram consideradas excelentes professoras, uma das escolas de Curuçá é Orlanda Rodrigues Guimarães.

Conto esse pedacinho de minhas histórias com as palavras porque houve sim um começo lúdico de minha vivência com a palavra, com as histórias e, com certeza, com o fato de tão cedo ter escolhido ser professora. Minhas memórias de leituras tudo têm a ver com encaminhamentos que fui dando à minha trajetória profissional.

Da criança encantada com as histórias, com os romances cantados, com as quadras de versos, com a poesia das palavras, com o cordel, com as adivinhas, parlendas...tudo isso me enredou de tal forma que tenho certeza não seria assim minha trajetória se não tivesse tido essa vivência na infância, hoje entendo melhor minhas escolhas e sei que não foi à toa que escolhi ser professora primária e trabalhar com as crianças numa época em que as histórias faziam parte das atividades cotidianas, com objetivos didáticos.

A professora e as crianças: o que fazer?

Nessa época, não havia uma preocupação maior com a dimensão estética da palavra. Eu, porém, já tinha vivenciado tanto a palavra poética, já amava literatura e havia sido aluna do professor Francisco Paulo Mendes, do professor Isaac Dias Gomes no IEEP (Instituto de Educação do Estado do Pará) que amavam a Literatura e os poetas, esses professores me apresentaram muito do que viria mais tarde estudar e aprofundar no curso de Letras. Um caminho que salvava as histórias apenas dos pretextos, ou trabalhar os poemas ou a prosa com intuito de perceber a gramática.

Passei no concurso para ser professora primária e vinha como já foi citado, com uma bagagem literária da voz da letra, da formação de professora, mas, isso não impediu, de no dia em que tomei posse do cargo e conheci a turma do primeiro ano, na escola conveniada Jesus de Nazaré, o choro compulsivo do desespero que senti, não sabia o que fazer com 40 crianças. Acalmei meu coração e comecei a contar história para elas. Foi assim que comecei minha carreira de professora. Depois de um tempo fui para Escola Hilda Vieira que na época era uma senhora escola de excelência no Estado e o professor Hilton Silva (meu companheiro da vida), que era professor da referida escola, me levou junto. Passados uns dois anos pedi para ir trabalhar mais perto de casa e então fui ser professora da pré-escola no Casulo são Judas Tadeu, na Condor.

Na época em que era da Pré-Escola, tinha uma parceira da SEDUC (Secretaria de

Estado de Educação), era a professora Osmarina Gherardt, uma arte-educadora que contava histórias, sua performance era lúdica, e sem tantos trejeitos, simples e linda, ela e as histórias! Fazia com voz o que queria com os ouvintes, era incrível como contadora de histórias. Foi realmente a primeira pessoa que ia de escola em escola comigo quando éramos da equipe técnica da SEDUC nos idos anos 80.

Na década de 80, bem no início, os livros eram praticamente manuais de como contar histórias, fórmulas que eu e Gherardt não gostávamos, então nos reuníamos e líamos coletâneas de textos de vários países e contávamos para nossos alunos e alunas da Pré-Escola. O sucesso com as crianças era tanto, que nos tiraram da sala de aula para socializarmos esse nosso trabalho em outras escolas e então vieram os treinamentos em serviço, oficinas para nossas colegas do Pré-Escolar, aqui em Belém e outros municípios, bem como a SEDUC nos mandava fazer cursos em outros estados. Parece que, nesse sentido, tivemos sorte de estar numa equipe que se importava com a formação de seus professores-técnicos.

A coordenação da pré-escola da SEDUC nos convidou para fazermos parte da equipe técnica, onde ficamos até no início dos anos 90 quando fui para a UEPA e a Gherardt foi depois para o NPI onde desenvolveu sua carreira e eu fiquei na SEDUC e na UEPA. Após o término da graduação fui para o ensino fundamental e médio ministrar aulas de Língua Portuguesa. Ou seja, continuei contando

histórias para meus alunos e alunas que me amavam ver declamando poemas em sala, alunos de outras salas vinham “brecar” minhas aulas porque eu gostava de poesia.

Nunca gostei de livros didáticos, por isso eu, meus alunos e alunas recortávamos os poemas que vinham nos livros didáticos, algumas gravuras legais e fazíamos lindos cartazes, tinha gente que me achava louca porque cortava os livros. Nunca “pilotei” livro didático, porém não posso negar que a maioria das vezes eram os únicos tipos de livros que os estudantes tinham em mãos. Fizemos muitos trabalhos poéticos com recortes que fazíamos deles.

No começo de meu trabalho como professora na Pré-Escola me rebelava muito com as supervisoras, porque fazia da hora do conto uma atividade muito importante para nós e para as crianças, algumas que passaram por mim achavam perda de tempo, talvez por nossas rebeliões solitárias eu e Gerard tenhamos nos unido para pensar um trabalho artístico com teatro e poesia. Começamos a procurar livros importantes, que já traziam certa preocupação lúdica, estética, porque nessa época contar história estava sim relacionada à aprendizagem das crianças, principalmente, as do pré-escolar. Parecia que quando passavam para a primeira a quarta séries elas, as crianças, não precisassem mais de histórias. Sem esquecer que na época já tinha arrefecido a voz dos pais nas casas, a televisão já tomava o tempo das histórias. A escola era, talvez, o único lugar onde havia uma voz poética, se a professora tivesse essa preocupação.

Lembro-me de algo que não poderia faltar nestas minhas memórias com os textos poéticos. Trata-se de ter sido aluna de vários professores que trabalhavam literatura de forma lúdica mesmo, ainda que estudássemos muita análise, crítica e teoria. Uma professora que segui desde que com ela tive aulas foi a profa. Maria Lúcia Medeiros, que foi minha professora de Literatura Infanto-juvenil e que me levou para o caminho dos textos produzidos para a infância de forma mais crítica. Fiz meu TCC com ela, por seu incentivo continuei estudando Literatura Infanto-juvenil na Pós-Graduação, além de ter estudado os Contos de Fadas e sua relação com as *matrizes impressas do oral* no mestrado, ele foi a culpada. Quem mandou ser maravilhosa!. Sem esquecer que eu li muitas histórias na biblioteca particular de meus queridos professores Meirevaldo Paiva e Margarida Paiva. No mestrado curti muito a biblioteca de minha orientadora do mestrado Maria do Socorro Simões. Como agradeço ter tido essas pessoas na minha vida, além de tantos outros professores e professoras que no decorrer da vida passaram pelo meu caminho. Fui privilegiada!

Narrar para curar

Em 1994 fui aprovada no mestrado de Letras–UFPA, Teoria Literária, fiquei de licença para estudo, no entanto no meio do mestrado fui apanhada de surpresa por dois problemas graves de doença, após um longo período de convalescência desses problemas, como se fosse um castigo, fui proibida de ler. E

aqui preciso dizer que duas alunas que orientei TCC, no curso Formação de professores, Lene e Patrícia, iam ler histórias para mim, bem como minha família. Fiquei de molho 1 ano e 11 meses. Fiquei curada e no mesmo ano defendi a dissertação e voltei a ministrar aulas no extinto curso de Formação de Professores da UEPA(Universidade do Estado do Pará) a disciplina FECH (Formas de Expressão e Comunicação Humana), na qual constava o conteúdo de Literatura Infanto-juvenil, então as histórias eram trabalhadas nas aulas, junto com outras formas de expressão. E por causa da disciplina FECH nasce o Griot em 1999, ano em que voltei, mais precisamente em agosto de 99 e numa atividade de memórias das histórias de leitura dos alunos e alunas que fiz para conhecê-los melhor. Enquanto ouvia as histórias da Rita, Aluísio, Dia, Núbia, Sheila, Léia tão interessantes em suas possibilidades do contar, fiquei em silêncio e o desenho da voz deles fazendo carinho em minhas memórias, fui para casa, pensando na possibilidade de criar um grupo de contadores de histórias, não aos moldes dos objetivos dos Contadores de Histórias Itinerantes, criado pela professora Socorro Simões e coordenado por mim na UFPA (Universidade Federal do Pará), mas parecido e, na aula seguinte, fiz o convite para alguns alunos e alunas que toparam fazer parte do projeto.

Começamos o trabalho de oficinas de memórias, estudos, repertório, assim fizemos um semestre para começarmos a apresentar, nasceu o projeto de Extensão Contadores de Histórias da UEPA, que depois foi batizado de

Griot pela professora Josebel Akel Fares companheira de muitas histórias e de muitas viagens.

Dois grupos de Contadores de Histórias: Itinerantes e Griot

Nasceram no seio da Universidades como já foi mencionado, o Itinerantes fazia parte do Projeto IFNOPAP (Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense) e tinha como objetivo contar as histórias do repertório recolhido pelo IFNOPAP, fizemos muitas visitas às escolas, o projeto era de extensão contando histórias para crianças, foram botos, matintas, visagens e cia que levávamos para as escolas. Coordenava o grupo e foi um tempo de descobertas e aprendizagens. Fazia parte de um grupo nacional que estuda *Poéticas da Voz*, o mestrado me pedia estudos aprofundados nesse sentido e era tudo novo apesar de parecer velho, parecer que sabia algo, de parecer simples... Qual nada, tudo tão complexo, aprendia nas pesquisas e ensinava na prática das oficinas de preparação de voz e de repertório além de trabalhar teoricamente porque eram alunos de Letras e precisavam entender esse universo complexo da voz e da letra. Afinal não eram contadores de Histórias tradicionais que são natos, esses contadores eram aprendizes tanto quanto eu sempre fui.

Foram muitos sábados de trabalho, uma trabalho gostoso que quando víamos já era hora de ir para casa com a memória cheia de histórias. No meio do caminho apareceu uma pedra, me retirei por muito tempo e os

Itinerantes continuaram o seu trabalho . E quando voltei criei o Griot que, no ano que vem, vai fazer 20 anos de poesia!

Contar histórias para formar leitores ou só contar histórias

Quando fiz o projeto Griot tinha uma preocupação enorme com a formação de leitores, era forte essa possibilidade da voz para a letra. O Griot continuou a receber alunos e alunas do Formação de Professores, foi a leva que trouxe Adrine, Cláudia, Paulo (in memorian), Alessandra, Simone (Ronalda) Ellen, Keydson (aluno do Curso de Religião)... ainda com este objetivo: ir para as escolas contar histórias em prosa e verso para chamar atenção para a leitura.

As pessoas se formaram, fizeram suas especializações e continuaram no Griot, até que eu passei no doutorado e não tive mais como coordenar o grupo que não acabou, mas cada qual fazia o seu trabalho de contador de histórias em suas salas, se juntavam em dupla, as histórias continuaram a fazer parte de suas vidas e da minha também (a minha com os narradores do Bairro Alto em Curuçá). Em 2010 defendi a tese e continuei meu trabalho, agora no curso de Letras.

No entanto, a saudade enorme também fazia parte do meu dia a dia de professora e, talvez, por isso em 2011, na volta do doutorado, continuei o trabalho do Griot com o objetivo, sem dúvida, apenas contar histórias e só. O compromisso com a palavra com os ouvintes e nosso amor pela poesia. Esta geração de Griot foi formada pelos alunos e alunas de

Letras, se a geração de 1999/2000 vinha de curso de Educação, a geração de 2011 vinha do Curso de Letras, assim chegaram: Andreza, Adriana, Jéssica, Larissa, Rodrigo, Caroline, Carla, Flor, Paloma, Edne, Paulo, Raquel, Mayara Cristine, Mayara Keline, Mara, Romário, Byron... Muitos trabalhos realizados em oficinas e idas a eventos, viagens.

Um dia, resolvemos juntar as gerações de Griots, os que quiseram e puderam. Dessa forma, continuamos aprendendo e ensinando contar histórias de preferência em versos, visto que é a forma poética que mais gostamos. Um aviso importante amamos a prosa, o verso, enfim amamos as histórias.

Para não terminar esta história

Atualmente, o Griot faz parte do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), coordenado pela professora Josebel Akel Fares, é um dos seus grupos e a maioria de seus membros, também, fazem parte do grupo de pesquisa Contadores de Histórias, que lidero dentro do Núcleo. Já está mais do que na hora de nossos estudos sobre o assunto, nossas práticas, nossas poéticas serem compartilhadas, e, é nesse sentido, que fiz este relato de memória. Nossos encontros, nossos desejos de levar a diante o trabalho com novas gerações continua sendo forte e agora com a experiência das pessoas que fazem o Griot continuar: Dia Favacho, Adrine Motley, Keydson Costa, Rodrigo joventino, Adriana Moraes, Paloma Costa, Andreza Alcolumbre, Rita Gomes, Simone Salgado, Cláudia Moscoso, Alessandra Dias, Carla Melo... são professores e as

histórias fazem parte de seu ofício, além de fazerem o Grupo Griot continuar sendo!!! Agradeço por tê-los encontrado pelo meu caminho. Que venham os 20 anos e mais Griots. E que as histórias sejam compartilhadas sempre.

Meus pais contaram histórias para os filhos e filhas até suas partidas para outro plano, bem com a tia Maria e nós contamos suas histórias para nossos filhos e filhas. Eu conto muitas histórias desde que minha neta nasceu, leio, conto e ouço histórias em muitos momentos e é pelas histórias que quero ser lembrada por ela. Já pensou se alguém perguntar à minha neta: quem contava histórias pra você? “Minha vó Renilda!”

Referências

ALLENDE, Isabel. A soma dos dias: memórias. Tradução Ernani Só. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Aarne, A., & Thompson, S. (1961). The types of the Folk-tale: A classification. In M. Poulain (Ed.), *Pour une sociologie de la lecture*. Paris: Cercle de la Librairie.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. (Obras Escolhidas). Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993 (vol. I).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**: folclore. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução: Sônia Coutinho - Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Conto e poesia popular**. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1991.

RODRIGUES-BASTOS, Renilda. **Itinerário poético: do era uma vez ao agora**. Dissertação de Mestrado. Letras- Teoria Literária. UFPA, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: HUCITEC - EDUC, 1997.

Renilda Rodrigues-Bastos -
renildabastos@hotmail.com

Doutora em Ciências Sociais – Área de Antropologia – UFPA. Professora Adjunto IV do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA). Coordenadora do Grupo de Contadores de histórias da UEPA – GRIOT (Extensão). Líder do Grupo de Pesquisa Contadores de Histórias –CUMA/CNPQ.